



viver

vidas e veredas da raia

04

Dez. Jan. Fev.

07

o grande tema

Artes e artistas da BIS



Do interior das grandes cabeças de cartão, espreitam-nos olhares encantados de inocente ilusão.

Aos leitores:

Desta vez, escolhemos como Grande Tema “As Artes e os Artistas da BIS”. O futuro dos territórios que compõem a BIS depende da articulação que sejamos capazes de fazer entre os seus espaços urbanos e rurais e, principalmente, da imagem que os outros façam de nós.

Se os outros pensarem que a BIS é um bom lugar para se viver (não nos esqueçamos que à escala europeia a BIS, Castelo Branco incluído, é um espaço Rural); se os outros tiverem de nós a imagem de que somos pessoas acolhedoras, civilizadas, abertas a acolher novas iniciativas e interessadas em enriquecer-se com os saberes e experiências alheias; se souberem que o nosso território no seu conjunto é limpo e cuidado, que já dispõe de razoáveis infra-estruturas modernas e de serviços sociais, administrativos e culturais de proximidade;

Educação e o Conhecimento, lato senso, têm de ter, na prática, uma importância determinante.

As Artes e os Artistas da BIS, como as Empresas e os Empresários, a Agricultura e os Agricultores, a Educação e os Educadores, o Comércio e os Comerciantes, o Artesanato e os Artesãos, a Administração pública e os seus funcionários, as Associações da Sociedade Civil de todas as áreas e os seu responsáveis, todos... temos que contribuir para que, como diz o poeta António Salvado, a BIS se transforme no grande lugar “do nosso chamamento colectivo” e num pólo de excelência de vida e de desenvolvimento.

Se, como diz outro poeta, “o mundo é composto de mudança” temos que nos preparar para mudar, para nos mudarmos e aos nossos comportamentos e atitudes, para saber enfrentar as dificuldades naturais de agir em permanente concertação democrática, porque só desta forma conseguiremos gerar as dinâmicas necessárias à mudança.

Para começar, deveríamos gerar dinâmicas capazes de demonstrar que a realidade dos nossos territórios não corresponde apenas à opinião redutora e

As artes e os artistas da BIS, e a imagem que os outros fazem de nós



António Realinho
Director da ADRACES

então, a fixação de novos projectos económicos e de vida será muito mais fácil.

Ora, embora a imagem do nosso território tenha de ser construída e moldada por todos nós, habitantes e actores do dia-a-dia dos nossos campos, aldeias, vilas e cidades, aqueles que pela sua origem ou residência se servem “do seu engenho e arte” para projectarem para além da BIS o seu valor e prestígio, são esses, os que pela excelência dos seus saberes ou exemplos cívicos, contribuem de maneira muito mais abrangente e eficaz para a atractividade e prestígio da nossa imagem.

A escolha deste “Grande Tema” está ligada a esta compreensão da necessidade de integrar todos os sectores da nossa sociedade no esforço de mobilização para um processo de construção de um novo modelo de desenvolvimento, em que a Cultura, a

simplista de muitos dos arautos defensores da supremacia das culturas urbanas, quando afirmam que os espaços rurais do Interior do nosso País se caracterizam, entre outras coisas negativas, “pela falta de cultura das suas gentes, pela incapacidade de inovar, pelo conservadorismo anquilosante de tradições “popularuchas” sem valor cultural, pela sua falta de qualidade de vida em geral e, particularmente, pela ausência de actividades culturais”, etc..

Parafraseando um velho ditado dos nossos vizinhos alentejanos... – ai de nós se não formos nós! As opções de vida dos nossos descendentes, em relação a ficar ou partir destas terras, dependerão dos que agora cá estamos. Pela nossa parte, reafirmamo-nos disponíveis e motivados, para “Chamar”, mas igualmente para responder aos chamamentos que nos façam. ☘



- | | |
|---|---|
| <p>01 DO DIRECTOR
As Artes e os Artistas da BIS,
e a imagem que os outros fazem de nós</p> <p>03 DO EDITOR
A cavalo dado não se olha o dente?</p> <p>04 TEM A PALAVRA
Domingos Torrão</p> <p>06 TRIBUNA DA CIDADANIA
Manuel Cargaleiro
Cidadão da BIS no Mundo todo</p> <p>08 ONDAS CURTAS EUROPEIAS</p> <p>09 GRANDE TEMA
As Artes e os Artistas da BIS</p> <p>30 INOVADORES E PIONEIROS
A vontade que “ata ao leme”
os navegantes da inovação!</p> | <p>33 AO SABOR DA PENA</p> <p>36 CAMPO DA IRONIA:
FICÇÕES SOBRE A REALIDADE
“O cão ministro” de Fernando
Paulouro Neves</p> <p>38 TEORIAS E PRÁTICAS
DE DESENVOLVIMENTO LOCAL</p> <p>40 NÓS ADRACES</p> <p>42 OS NOSSOS PARCEIROS</p> <p>44 SENTIR A BEIRA
O artesanato, coração da ruralidade</p> <p>46 QUIOSQUE DA BIS</p> |
|---|---|

FICHA TÉCNICA

Director: António Realinho § **Director-Adjunto:** Teresa Magalhães § **Editor-Geral:** Camilo Mortágua § **Conselho Editorial:** António Realinho, Teresa Magalhães, Camilo Mortágua, Celso Lopes, Rui Miguel e Filipa Minhós § **Coordenação da Redacção:** Teresa Magalhães, Filipa Minhós, Celso Lopes, Rui Miguel e Margarida Cristóvão § **Director Comercial:** Luís Andrade
Design: Adriano Rangel § **Paginação / Produção Gráfica:** Isto é, comunicação visual, lda - Rua Santos Pousada, 157 - 3º - Sala 15 - 4000-485 Porto § **Colaboradores:** Abel Cuncas, Aída Recheda, Ana Paula Fitas, António Salvado, Assunção Pedrosa, Celso Lopes, Clárisse Santos, Domingos Santos, Elsa Ligeiro, Fernando Paulouro Neves, Fernando Raposo, Joaquim Fonseca, José Lopes Nunes (Jolon), José Portela, Lopes Marcelo, Margarida Cristóvão, Maria José Martins, Marta Santos, Paulo Pinto, Pedro Lino, Rui Morais, Sandra Vicente. § **Capa:** Pormenor de obra de Cargaleiro.

Depósito Legal: 243365/06 § **Registo na Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC)** 124952 § **Propriedade:** ADRACES – Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul - Rua de Santana, 277 · 6030-230 Vila Velha de Ródão · Telef. +351-272540200 · Fax. +351-272540209 § **Número de Identificação Fiscal (NIF):** 502706759 § **Sede da Redacção:** Rua de Santana, 277 · 6030-230 Vila Velha de Ródão § **E-mail:** viver@adraces.pt § **Periodicidade:** Trimestral § **Tiragem:** 3000 exemplares

A cavalo dado não se olha o dente?



Camilo Mortágua
Editor-geral

Se seguirmos este velho ditado, nunca sabermos se o que nos dão é velho ou novo, cavalo ou burro, coisa que valha a pena, ou oferta mal intencionada!

Pois é... ao editar este quarto número da VIVER, fui “invadido” por dúvidas deveras inquietantes: como tratar as pessoas a quem oferecemos a revista? Serão leitores ou meros “recebedores”? Será que se dão ao trabalho de lhe “olhar os dentes” folheando-a, ou lançam-na para o cesto das coisas sem interesse?

Claro está que, por agora, só temos dúvidas, isto apesar dos sinais animadores que nos chegam. Sabemos que temos leitores, presumimos que também existirão os que se limitam a receber sem manifestar interesse ou desinteresse; gostaríamos de conhecer melhor uns e outros. Para isso, teremos de perguntar, a todos, se desejam ou não olhar para dentro das imagens e palavras que trimestralmente editamos. Que nos digam não, não nos constringe nem desilude, muito pelo contrário, estimula-nos a perguntar porquê, para mais rapidamente compreender como fazer para ir ao encontro das motivações e objectivos de quem, lendo-nos, se sente mais capaz de afirmar o seu próprio pensamento, criticando-nos ou não.

Teremos de ser capazes de encontrar formas de perguntar, a uns e outros, até obter as respostas necessárias. Uma resposta pode ser, quase sempre é, o ponto de partida para o início do diálogo essencial ao real “des’envolver” das pessoas e ao enriquecimento cultural, social e económico dos seus territórios.

Concluído o desabafo, convido-vos, prezados “leitores e recebedores”, a ver e ler estas 48 páginas intencionalmente produzidas para provocar as vossas próprias reflexões e, se possível, opiniões. Escolhemos para Grande Tema deste número, “As Artes e os Artistas da BIS.” Como sempre, a escolha é totalmente aleatória. Quem se sentir ignorado que faça o favor de levantar o “braço e a voz”.

A apreciação do mérito ou demérito dos artistas apresentados dependerá também do nosso “engenho e arte” para fazer as apresentações... sejam benevolentes!

Encontrarão as secções habituais, com um acréscimo. Inauguramos uma nova rubrica sob o título de “Ao sabor da pena”, com o objectivo de criar um espaço de tema livre ao dispor de quem por isso se interessar. Aí inicia a sua colaboração a Professora Maria José Martins da Escola Superior de Educação de Lisboa, colaboração que saudamos.

A Inovação e o Pioneirismo atribuímo-los à Escola Superior Agrária de Castelo Branco, por entender necessário contribuir para uma maior divulgação do trabalho inovador ali desenvolvido. Saudamos e agradecemos igualmente a colaboração do Poeta António Salvado ao fazer a apresentação do Pintor, Ceramista e Gravador Manuel Cargaleiro.

Renovamos os nossos agradecimentos a Fernando Paulouro das Neves por nos autorizar a publicação de mais um texto seu na rubrica “Campo da Ironia”, agradecimentos extensíveis a todos quantos benevolmente dispuseram de algum do seu tempo para colaborar com esta edição. ✿

Entre escolhas, um Homem de contas, que conta!

Energias alternativas e Turismo no futuro de Penamacor



Encontramos o Presidente da Câmara de Penamacor, num destes gélidos dias do passado mês de Janeiro, no quadro simples e agradável da sala do restaurante “Dois Pinheiros”, situado às portas de Penamacor. Foi pela hora do almoço porque a sua agenda não permitia dispor de outra oportunidade. Dada a vez, e, solicitada a voz, aqui lhes deixamos um breve resumo do que nos disse o Senhor Dr. Domingos Manuel Bicho Torrão, actual Presidente da Câmara de Penamacor, natural de Pedrógão de S. Pedro, onde nasceu a 20 de Abril de 1955.

Depois disso trabalhei num Gabinete de consultadoria em organização de empresas, que nessa altura se ocupava de organizar uma Cooperativa Agrícola perto de AVIS. Em 79 fui dar aulas de Francês para a mesma escola onde tinha estudado, a Campos Melo da Covilhã. Por não ter aceitado uma colocação para ensinar matérias que nada tinham a ver com a minha formação, fui suspenso de concorrer à função pública durante três anos. Durante esse período dei aulas de contabilidade no Externato Nossa Senhora do Incenso, de 81 a 83; no fim desse período voltei a concorrer para a docência e fui colocado em Belmonte, integrado no 6º grupo, para dar contabilidade tal como desejava, fiz a profissionalização em Figueira de Castelo Rodrigo, acabando por vir a ser colocado na escola secundária do Fundão e daí para a efectivação na Covilhã, de onde estou destacado em comissão de serviço. Embora residindo na Covilhã, de onde venho e onde regresso todos os dias, sempre estive muito ligado a Pedrógão de S. Pedro.

O PERCURSO DE VIDA: PESSOAL E PROFISSIONAL

Por cá fiz os primeiros anos de escola. O segundo ciclo foi tirado através da antiga telescola, pois nesse tempo não havia alternativa. Depois fui para a Covilhã fazer o secundário na escola Campos Melo. Durante esses anos ia anualmente passar as férias grandes com os meus Pais que estavam emigrados em França, na região de Cahors. Aí trabalhava durante três meses para juntar algum dinheirinho que depositava à chegada e que servia depois para fazer face a alguns extras para os quais a mesada, por vezes, se revelava curta.

Mais tarde, frequentei o Politécnico para tirar uma licenciatura em Gestão de Empresas. De-

A família tem lá casa que frequentamos com assiduidade. Foi em Pedrógão que iniciei as minhas actividades na política local, primeiro como Presidente da Assembleia de Freguesia, mais tarde como seu Tesoureiro.

A minha esposa é de lá, e é a partir de lá que eu me sinto Beirão; Beirão da Raia e da cova da Beira, Beirão dum lado e doutro da Gardunha!

Ainda fiz a experiência de passar 15 dias a trabalhar em Lisboa, mas não aguentei mais do que isso, tive que me vir embora!

O AUTARCA

Como já disse, comecei pela Junta de Freguesia, depois fiz dois mandatos de 94 a 2001 como vereador da Câmara Municipal. Fui eleito Presidente da Câmara em 2001 como Independente (por desentendimento com a estrutura Regional do PS, o meu partido de sempre desde o 25 Abril) e estou actualmente no meu segundo mandato.

A sua carreira de autarca tem evoluído conforme a sua própria planificação e desejo?

Tem corrido de acordo com o desenrolar de acontecimentos que eu próprio não planifiquei nem pude controlar. Sabe, o ter chegado a Presidente foi obra do acaso, tratou-se de dar resposta a situações imprevistas. Quando as solicitações nos motivam, não se pode virar as costas aos desafios!

Da sua experiência como Vereador, quais eram as principais coisas que pretendia realizar como Presidente?

A principal questão era a de conseguir uma muito maior aproximação entre a Autarquia e a população; a seguir, fazer um grande esforço para conseguir dotar Penamacor de espaços desportivos e culturais de que tanta falta senti na minha juventude. Ainda não conseguimos alcançar totalmente este objectivo, em particular na área cultural, mas tudo está preparado para concretizar significativos avan-



ços a curto prazo. Uma terceira questão de importância decisiva para assegurar o desenvolvimento do Concelho era a de reforçar a equipa técnica da Câmara com novas, maiores e mais diversificadas competências, sob risco de se perderem financiamentos possíveis por falta de capacidade técnica para conceber e fundamentar novos projectos de grande importância para a nossa modernização.

Este objectivo foi alcançado através do recrutamento local de técnicos com as competências necessárias para dotar a Câmara de capacidade própria para a planificação, gestão e controlo da actividade global da autarquia.

Para prevenir e melhorar a nossa capacidade de recrutamento local, ao mesmo tempo que se aumenta o número de oportunidades de emprego aos jovens recém formados, estamos trabalhando na elaboração de um regulamento municipal para a atribuição de bolsas de estudo aos naturais do Concelho, de forma a impedir que ninguém deixe de estudar por falta de condições económicas. Este é assunto a que dedicaremos grande atenção por considerarmos que se trata duma importante questão de justiça social e, ao mesmo tempo, uma necessidade absoluta para garantir o desenvolvimento futuro do Concelho.

Que estratégias para o futuro de Penamacor?

As energias alternativas são a nossa primeira aposta estratégica.

A energia eólica é o projecto mais avançado. Já estamos produzindo cerca de um terço dos 120 MW que constituem o objectivo final do Projecto em curso e, no final deste ano, atingiremos mais da metade. É um investimento privado para o qual a Câmara apenas contribuiu servindo de mediadora e facilitadora do negócio, negociando com os promotores o pagamento à autarquia de 5% do valor da energia vendida durante os primeiros 10 anos e de 2,5% nos 10 anos seguintes.

Para além da produção de energia eólica, temos projectos para a energia hidroeléctrica a partir do transvase do Rio Côa (barragem do Sabugal) para a barragem da Ribeira da Mei-

moa; e para a energia a partir do aproveitamento da biomassa, projecto camarário que aguarda parecer favorável pela EDP.

O TURISMO É A NOSSA SEGUNDA APOSTA ESTRATÉGICA

Em relação a este sector, estamos ainda muito atrasados. O alojamento e a restauração são os nossos pontos fracos. Na área da animação temos avançado alguma coisa, mas temos que fazer muito mais! Proximamente será construída uma nova unidade hoteleira com 50 quartos e duas suites, ali na quinta do Cafalado junto à variante, com equipamentos de bom nível e espaços para conferências e actividades culturais.

Aos passeios pedestres, haverá que juntar outros e também, porque não, os equestres. Organizar e valorizar os nossos recursos cinegéticos, melhorar e valorizar o aproveitamento das águas sulfurosas na freguesia de Águas são outras acções que deverão ir enriquecendo a nossa oferta turística.

PENAMACOR ENTRE DOIS AMORES: BEIRA INTERIOR SUL – BIS E COVA DA BEIRA!

Para que tudo isto decorra tal como desejamos, não basta unicamente o esforço da Câmara de Penamacor! É absolutamente necessário aproveitar a fundo os potenciais da Intermunicipalidade. Temos que nos coordenar melhor com as acções dos Municípios vizinhos. No nosso caso, de uma forma natural com os da Cova da Beira com quem mantemos relações económicas e sociais extremamente valiosas para o nosso quotidiano, mas também com os nossos vizinhos da BIS, com quem integramos a NUT III da Beira Interior Sul, no quadro da qual dependemos para efeitos de financiamentos públicos e comunitários. ☼

Texto: CM
Fotos: ADRACES

Manuel Cargaleiro

Cidadão da BIS no Mundo Todo



Nascido aqui pelas margens do Cobreão, neste Concelho de Vila Velha de Ródão, de onde ainda menino partiu com os Pais para aquela Caparica que, nessa época, era arrabalde rural da capital, abriu-se ainda criança às forças emanadas dos grandes silêncios sentidos por entre as grandes escarpas de xisto do seu território de infância, daí retirando a energia e a rural sensibilidade para oferecer ao Mundo as suas sinfonias de cor e luz sobre as mais diferentes formas de transformar a terra, ou as telas, em fagulhas de sonho, apelando cintilantes à imaginação dos Homens.

Sobre o artista Manuel Cargaleiro escreve aqui ao lado o Poeta e seu amigo António Salvado. A mim, coube-me a incumbência fácilima, mas inalcançável, de vos apresentar, sumariamente, o Cidadão. Para o conhecer, fomos num destes últimos fins-de-semana até à Capital. Sem cerimónias, conversámos cordialmente durante um almoço de cozinha tradicional beiroa. Depois, atravessámos o Tejo e fomos conhecer o “santuário” do Mestre na Caparica, situado num lugar privilegiado, onde o Rural sóbrio e de bom gosto impera, contemplando o cerco de “torres e torres que se erguem” a perder de vista, dos dois lados do Rio, sob o olhar petrificado do Cristo Rei. O lugar que recebeu o menino Manuel, aos 7 anos, quando seus Pais decidiram procurar melhor vida instalando aí a sua actividade agrícola, aproximando as produtoras (as vaquinhas) dos consumidores do principal produto da sua exploração – o leite. Nos terrenos adjacentes, mas por pouco tem-

po, ainda lá estão verdes prados a testemunhar vocações antigas. Surpreendeu-nos! Da lonjura dos seus 80 anos, de testa larga e uma cabeça parcialmente coberta pelos “fios da neve do Inverno da vida”, fita-nos com um olhar vivo e perscrutante, pousado e saltitante, como quem quer observar bem, sem perder tempo algum de criação. Olho e vejo-o à imagem dum virtual sábio antigo, encarnado num jovem cheio de novos projectos, sem inibições nem receios pela continuidade daquilo que ainda ambiciona realizar. Entre muitas outras coisas, disse-nos: “Não fabrico Cargaleiro, faço aquilo que sinto. Já me criticaram por andar sempre vestido de maneira simples e despretensiosa, com os “meus trapos” confortáveis e bem usados, ao contrário do que possam pensar, não se trata de nenhuma procura de originalidade: – recuso-me a acreditar em mim como artista de sucesso. É certo, considero-me cidadão do Mundo, sujeito da natureza, teluri-



camente Beirão, culturalmente alimentado por “seivas memoriais” dos cheiros, dos cantares de pássaros e águas, e dos silêncios... sobretudo dos silêncios dos ermos cumes do Ródão e do Cobrão que me levavam para longe, muito antes de lá sair!

Eu sou de lá, é de lá que quero SER... livre, para andar e estar em Paris ou em Vietri sul Mare (Itália), na Caparica como em Castelo Branco, sentindo-me, apesar de todos os reconhecimentos e honrarias, uma espécie de almocreve, um criador – vendedor de arcos-íris, daqueles para os quais em criança corria querendo agarrá-los com as mãos.

Estimo acima de tudo a LIBERDADE, sem dogmas nem verdades reveladas, sem ela não somos criaturas à imagem de DEUS, sou contra todas as formas de repressão. Sem exibicionismos nem falsos protagonismos sempre fui solidário com os meus semelhantes, compatriotas ou não, perseguidos pelas suas opiniões.

Quero dar o meu contributo para a revalorização da riquíssima tradição da cerâmica da BIS, hoje praticamente desaparecida. Se me chamarem... direi... PRESENTE”. ❀

Texto: CM

Fotos: ADRACES

Manuel Cargaleiro – a poesia interior à música

Expressiva e contínua modulação de criatividade (na pintura, na escultura, na gravura, na cerâmica, na tapeçaria), a obra prodigiosamente multifacetada de Manuel Cargaleiro testemunha, na história da arte em Portugal, um dos exemplos mais eminentes e originais de concepção e de realização artísticas. E, apesar de na sua biografia o pessoal existir de criador se ter revestido com diásporas de emigrante (e pensamos em França, em Itália...), o afectuoso apego às raízes portuguesas e, essencialmente, beiroas, (mesmo quando um simples título nos conduz para outras próximas ou distantes geografias), esse distinto e profundo apego – dizíamos – jamais deixa de se evidenciar como directriz de força-suporte à materialização da obra a ser. E isto, porque a exuberância das paisagens (rica ou humilde mas sempre fecunda), interiorizadas pelos olhos de uma infância feliz; as vivências experimentadas e, depois, subtilizadas durante a formação de uma recôndita personalidade de homem e de artista; a apreensão pela surpresa de todo um passado pré-histórico (tão, curiosamente, com a gravura relacionado e marca da região de nascimento), passado que a memória em tantas ocasiões patenteará e reavivará no estremecimento criador do artista; enfim, porque todas estas parcelas de essencialidade

(e outras mais poderíamos explicitar) ajudaram, e de que maneira!, à estruturação mental e sentimental que alicerçaria ao Artista o seu universo criador.

Referente de aliciantes e pertinentes reflexões por parte de especialistas ao estudo da arte devotados, a vastíssima e tematicamente diversificada obra de Manuel Cargaleiro consubstancia preferencialidades pela harmonia das formas, do espaço, da cor, da luz, e de tal modo adequadas na sua utilização que a musicalidade e a luminosidade conseguidas se espriam, como uma maré viva, no encantamento imutável que constitui a respiração de tudo o que emana, artisticamente, das mãos do seu autor. E porque esse coerente, equilibrado, intenso, cintilante, subtil e mágico fascínio decanta em nós leituras com a poesia de louvor confrontadas, natural é que a obra de Cargaleiro nos oferte a impressiva sugestibilidade que o poema transfere. Cassou, emérito crítico francês, caracterizou como “poèmes” os trabalhos de Cargaleiro. Sim. Poemas de exaltação à vida, ao existir num tempo e num espaço, mesmo transitórios, de euforia e de aleluias pela grandeza que define cada ser humano. ❀

António Salvado



FISHEYE

As grandes Cidades não podem ter o monopólio do desenvolvimento

Os territórios rurais também são indispensáveis para a Estratégia de Lisboa

OS ESPAÇOS RURAIS QUE CONTAM

É um dado pouco conhecido que a Comissão Europeia recorda nas suas orientações estratégicas para o período 2007-2013: mais de um emprego sobre dois está situado nas zonas de dominante rural. A estes 53% do emprego europeu correspondem 45% do valor acrescentado bruto da União Europeia.

Com os seus 18,4 milhões de empregos, a agricultura e a silvicultura ainda constituem sectores estruturantes da ruralidade europeia! Contudo, nestes últimos anos, a economia rural diversificou-se largamente, já que, nos dias de hoje, 4 em cada 5 empregos em meio rural dependem de outros sectores de actividade.

Estes dados são suficientes para testemunhar sobre o peso significativo que têm, ainda hoje, as zonas rurais na economia da União Europeia.

As contribuições que os territórios rurais podem aportar para o prosseguimento dos ambiciosos objectivos da Estratégia de Lisboa são à medida do espaço e do potencial que eles representam.

Actores importantes da economia europeia, as zonas rurais também o são de um outro objectivo maior da U. E. que é a sua coesão social, económica e territorial. Como poderia ser de outra maneira, considerando os 230 milhões de pessoas que vivem nos espaços rurais europeus, animando 90% do espaço europeu, face aos 453 milhões de europeus.

Quer abordemos o futuro da U.E. pela preocupação com a sua competitividade ou pelo seu objectivo de coesão, os territórios rurais estão no centro da questão.

Explorar o potencial dos espaços rurais, que podem apoiar-se sobre enormes riquezas naturais e culturais, implica que os Estados membros e as diferentes autoridades territoriais elaborem uma programação 2007-2013 que dê toda a sua importância aos actores dos territórios rurais.

Querer ganhar o desafio da mundialização, descuidando a importante parte do capital da União, representada pelos seus territórios rurais, seria um grave erro estratégico. ☼

Obs. Traduzido do boletim da Associação Internacional "Ruralite, Environnement et Developpement. red@ruraleurope.org www.ruraleurope.org

A 25 DE MARÇO, CELEBRAM-SE OS 50 ANOS DA U.E.

A 25 de Março de 1957, os representantes de 6 Estados assinavam conjuntamente o Tratado de Roma que marcou o início duma Comunidade Económica Europeia. Este ano serão 27 os Estados-membros a celebrar estes difíceis e fantásticos 50 anos de existência desse projecto transformado em União Europeia. São muitos e variadíssimos os eventos já programados para celebrar este aniversário.

QUE FUTURO PARA A CONSTITUIÇÃO EUROPEIA?

Por diversas ocasiões este ano, a agenda europeia terá por prioridade o futuro do tratado constitucional europeu e a reforma do sistema de tomada de decisões no seio da Europa alargada.

A Presidência Alemã, que se prolongará até Junho, fará certamente proposições concretas para relançar as reformas institucionais da União, de acordo com o que estava previsto no Projecto de Constituição, e que cada vez é mais urgente com uma U.E. a 27.

Em consequência, não é de estranhar que a Alemanha tenha escolhido como primeira prioridade da sua Presidência "reganhar a confiança dos cidadãos europeus, perdida durante os três últimos anos".

Conselho Europeu. A 21 e 22 de Junho, a Presidência Alemã apresentará ao Conselho Europeu um documento que fará o ponto da situação sobre a crise constitucional actual. Neste Conselho a questão do relançamento da estratégia de Lisboa será igualmente abordada.

Segundo o "euro barómetro", 56% dos franceses e 59% dos holandeses votavam hoje em favor do tratado constitucional.

ENERGIAS RENOVÁVEIS

A fim de melhor estimular a produção de matérias-primas destinadas à produção de energia renovável, o Conselho Agrícola autorizou os Estados-membros a conceder uma ajuda podendo representar até 50% das despesas relativas à implantação de culturas permanentes sobre superfícies que tenham feito objecto de um pedido de ajuda à produção de culturas energéticas.

A COMISSÃO RECOMENDA VIVAMENTE UMA UTILIZAÇÃO BEM DIRIGIDA DOS CRÉDITOS EM FAVOR DO DESENVOLVIMENTO RURAL, PARA REMEDIAR A PENÚRIA DE EMPREGOS NAS REGIÕES RURAIS

Segundo um comunicado da Comissão Europeia, recentemente publicado, as regiões rurais de Europa devem explorar todo o seu potencial para atingir os objectivos de Lisboa em matéria de emprego, sem o qual, correm o sério risco de agravar o seu atraso em relação às zonas urbanas.

CONFERÊNCIA SOBRE AMBIENTE, AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL:

Organizada pelo Ministério federal Alemão do Ambiente, da Protecção da natureza e da Segurança Nuclear, em Bona a 23 e 24 Abril.

As Artes e os Artistas da BIS



As artes, os artistas; as actividades e os equipamentos culturais da BIS



Cine-Teatro Avenida
Castelo Branco

Centro Cultural Raiano
Idanha-a-Nova

Casa de Artes
e Cultura do Tejo
Vila Velha de Ródão

Pensar na Beira Interior Sul como um território carente dos equipamentos necessários ao desenvolvimento de uma actividade cultural sólida e diversificada assenta numa ideia completamente desfasada da realidade. De facto, a BIS tem espraído pelos seus quatro concelhos um conjunto de infra-estruturas de ampla qualidade, capazes de permitir uma programação regular e variada das artes que se vão fazendo pela Região e mesmo pelo país, acompanhando as tendências artísticas mais vanguardistas a nível nacional. O Centro Cultural Raiano em Idanha-a-Nova, a Casa de Artes e Cultura do Tejo em Vila Velha de Ródão, o Cine-Teatro e o Conservatório Regional em Castelo Branco e o futuro Centro Cultural que brevemente vai nascer em Penamacor, os importantes e variados espaços museológicos existentes, as salas e salões das Colectividades Locais, etc., são exemplos mais do que suficientes de que as actividades culturais e artísticas têm espaços para florescer na nossa despovoada Região.

O problema da carência de eventos culturais parece estar nas pessoas, por um lado, e nas estratégias encontradas para mostrar e fazer cultura local, por outro. Em entrevista aos nossos artistas intervenientes nesta edição da Revista, não raras vezes obtivemos desabafos em relação a estes dois aspectos. Diz-se que a população da Beira Interior Sul continua a não afluir, em número significativo, aos actos culturais que lhe são propostos, mas talvez valha a pena considerar dois importantes aspectos:

1. a percentagem de assistentes e/ou participantes em relação à população existente é, por vezes, mais elevada que nos grandes centros urbanos densamente povoados.
2. as propostas nem sempre são adequadas à sensibilidade culturais dos públicos locais, o que não significa que as pessoas sejam incultas!

Uma maior adesão às actividades culturais e, conseqüentemente, um maior apreço pelas artes e artistas podem passar pelo critério da proximidade. Os artistas da BIS queixam-se das fracas oportunidades que têm para mostrar o seu trabalho na Região de origem. Queixam-se que as entidades promotoras de eventos culturais mais depressa dão apoios e investem grandes somas em artistas de fora do que se dispõem a promover e investir na “prata da casa”. Talvez invertendo esta tendência, as pessoas procurem mais os espaços culturais e se comecem a interessar pela cultura por aqui produzida, a única verdadeiramente estruturante da originalidade da nossa identidade cultural. As artes e os artistas agradecem. ☼

Em qualquer parte do mundo o valor da cultura é inalterável e aumenta com o tempo. É ela que diferencia, acrescenta, e comunica com parte importante do futuro, através da memória. Cada região só se afirma através da sua cultura. No campo económico ela pode competir melhor, ou pior, segundo capacidades apreendidas, seja através da formação, seja da inovação, mas em moldes perfeitamente uniformizados e adquiridos.

A Cultura como Bilhete de Identidade



FISHEYE

Só no campo cultural a sua história, a sua geografia, a sua memória, a sua capacidade de preservar uma identidade são uma riqueza única que não encontra qualquer campo de confrontação.

É por isso que hoje regiões que apostam eficazmente na cultura, ancestral e única, têm uma forte fonte de rendimento, trabalho e de desenvolvimento.

Apostar no que nos diferencia é a melhor forma de tornar atractivo aos olhos dos visitantes, turistas, ou futuros componentes da nossa comunidade regional, o nosso território.

Será essa diferença, na sua mais forte componente cultural, a fazer a diferença na escolha. É por isso que cada vez mais o património histórico, natural, gastronómico e artístico, fazem a diferença.

No campo literário, e na Beira Baixa, há todo um mundo de possibilidades por realizar.

É através da língua que chegam as histórias de mouras, bruxas e lobisomens e as lendas de encantar.

Jaime Lopes Dias dedicou parte da sua vida à recolha e fixação em texto desses prodígios de invenção que são os contos, as lendas e as crenças populares, especialmente as da Beira Baixa.

É graças ao seu trabalho laborioso e apaixonado que temos hoje ao dispor, em qualquer biblioteca, parte do reino maravilhoso dos lu-

gares, dos nomes de localidades e de devoções ainda hoje cumpridas religiosa e anualmente.

Este é um património da Beira Baixa que podemos partilhar com todos e das mais diversas formas.

Um festival de tradição e criação oral, por exemplo, é uma das possibilidades que a nossa região ainda não desenvolveu. E que dizer da Beira mítica que o Fernando Namora nos deixou?

E que criação espantosa de imagens da Beira nos dá a poesia de Eugénio de Andrade e António Salvado?

Diz Eugénio de Andrade no seu poema em prosa *Infância*: *Saio de casa para ver os estorninhos; não têm conta a esta hora da tarde, em revoadas sucessivas sobre as árvores. Quando a noite cai já estou de volta, o olhar atravessado por rápidos fulgores. A luz é tudo o que trago comigo, porque também eu tenho medo do escuro.*

Escreve António Salvado no seu poema *Manhã*:

Manhã. Árvores aves tudo se acasala:/ o ribeiro sussurra a madrugada, o sol insinuado nas ramagens / anuncia prazer felicidade// E sorvo aquele aceno sequioso/ da mão amiga vinda ao meu encontro:/ a saudação é salvação e logo/ o serenar das horas se prolonga.// O meu canto acetina de giestas, / veraneia na flor do rosmaninho - / e come pão de trigo ou de centeio/ e bebe um terço d' água e dois de vinho.

Qual o valor do sol, da frésia, da urze, da giesta, do rosmaninho, depois da leitura da Poesia de Eugénio de Andrade e António Salvado? Incalculável. ☼

Elsa Ligeiro

Proprietária da Editora A Mar Arte e da produtora de actividades culturais Alma Azul

ESART

Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco

Uma experiência de sucesso no Interior do País

Decorridos 7 anos após a sua criação em Julho de 1999, a Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART), do Instituto Politécnico de Castelo Branco, é hoje uma instituição de referência no contexto do ensino artístico em Portugal, merecendo o reconhecimento e o apreço de todos quantos têm acompanhado a sua actividade (comunidade local e regional, tecido empresarial e instituições públicas e privadas).

Dos dois cursos iniciais, Artes da Imagem e Música/variedade de Instrumento (cordas), a oferta formativa da ESART cresceu ao longo deste percurso de vida, ainda curto, para 6 licenciaturas, distribuídas em igual número pela área da Comunicação e Artes Visuais (Artes da Imagem/ramos de Design Gráfico e Design Multimédia e Audiovisuais, Design de Moda e Têxtil e Design de Interiores e Equipamento) e pela área da Música (Instrumento, Formação Musical e Música Electrónica e Produção Musical).

Dos 32 alunos iniciais, passou-se actualmente para aproximadamente 580 alunos.

Apesar de alguns constrangimentos, sobretudo ao nível das instalações que tem vindo a conservar, a adaptar e a construir de raiz na Escola Superior Agrária, terminou já o seu regime de instalação.

Tendo em conta a singularidade da escola quer pelas áreas de formação que ministra quer ainda pelo facto de ser a única escola superior artística no Interior do país, a ESART tem vindo a centrar, em coerência com os mesmos propósitos que estiveram na base da sua criação, a sua actividade em 4 frentes: criação e consolidação da oferta formativa, investigação e disseminação do conhecimento, intervenção comunitária e internacionalização, embora neste pequeno apontamento, por questões de espaço façamos apenas referência às duas primeiras.

OFERTA FORMATIVA

Conscientes da missão das instituições de ensino superior politécnico quanto à natureza da formação que ministram e das necessidades de um mundo em constante mudança, caracterizado pela complexidade e incerteza, a ESART continuará a privilegiar a oferta de formações orientada para o mercado do trabalho, enformada por preocupações que se prendem com a necessidade de compatibilizar a exigência de uma formação cada vez mais especializada, orientada para a empregabilidade, com uma formação científica mais sólida.

A instituição tem como principal objectivo a formação de artistas e técnicos nas áreas da Música e Artes do Espectáculo, nas áreas do Design e Produção Audiovisual. Na perspectiva da integração artística e técnica numa mesma escola, potenciando a criatividade e os recursos. Tal perspectiva permite a existência de cursos.

Se, por um lado, estas duas grandes áreas (Música e Artes do Espectáculo e Comunicação e Artes Visuais) pressupõem uma grande transversalidade, permitindo uma maior racionalização dos recursos e a possibilidade de os alunos poderem reformular os seus percursos académicos, elas correspondem sobretudo aos novos desafios do mundo actual que terão, por certo, um impacto indelével ao nível do desenvolvimento do país e da região.

Foi com este propósito que foi introduzido nos planos de estudos de cada um dos cursos existentes na ESART, a disciplina de “Seminário”, em que se enquadra a participação pontual dos diversos profissionais e agentes que actuam no mundo de trabalho. Contudo isto não tem invalidado o recrutamento de docentes junto das empresas e outras instituições. Neste sentido foram realizadas até



ao momento, por especialistas convidados, nos domínios da formação da ESART, 86 palestras, 85 workshops e 37 masterclasses. Também a “aprendizagem em contexto real de trabalho”, quer através da realização de estágios ou projecto, tem um peso muito significativo.

Neste sentido têm sido feitos inúmeros projectos de cooperação com empresas quer da região quer do país.

Ainda em termos de oferta formativa e tendo em conta as reais necessidades do país em termos de técnicos de nível intermédio, e em consonância com os desígnios do país quanto à qualificação dos recursos humanos, a ESART tem assumido dentro da sua estratégia de crescimento, a oferta de cursos de especialização tecnológica (nível IV), cursos a montante dos cursos de licenciatura que ministra.

INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

Tendo em conta a natureza dos cursos que ministra a ESART tem hoje responsabilidades acrescidas em termos de prestação de serviços à comunidade, constituindo esta uma dimensão fundamental do seu projecto educativo.

Daí que tenha criado um projecto de dinamização cultural, procurando contribuir para uma oferta cultural regular, através da produção e realização de concertos, teatro, exposições, desfiles, seminários, etc., no pressuposto de que a assunção de uma política cultural regular e consequente contribui para que cada cidadão tenha acesso às mais diferenciadas manifestações culturais enquanto matriz identitária da sua qualidade de vida.

Conscientes de que a responsabilidade das instituições públicas aumenta na razão inversa da capacidade dos agentes culturais privados para oferecerem iniciativas auto-sustentáveis, tem esta instituição privilegiado a mú-

sica clássica, contemporânea e jazz, teatro, performances multimédia, mostras de vídeo, exposições (pintura, escultura, fotografia, tapeçaria e moda), já que no domínio da cultura popular e até de massas tem havido por parte da iniciativa privada e de outras instituições (associações culturais, autarquias, etc.) maior oferta.

Refira-se que, relativamente à produção musical por parte da escola (orquestra sinfónica, grupos de música de câmara e ESART Ensemble), tem sido preocupação desta instituição levar os concertos a outras localidades do país, em articulação com as autarquias e instituições de ensino de música (academias, escolas profissionais e conservatórios).

Não será de mais sublinhar que a Orquestra Sinfónica da ESART é hoje um projecto bem alicerçado no contexto do curso superior de Música, merecendo o apreço e o reconhecimento da cidade e da região, tendo sido convidada para participar em eventos nacionais e internacionais.

Com o objectivo de complementar a oferta musical da orquestra sinfónica, foi criado em 2005 o ESART Ensemble, tendo sido apresentado pu-

blicamente em 29 de Outubro de 2005, no âmbito da 58ª Coupe Mondiale de Acordeão em Castelo Branco, sob a direcção do Maestro Cesário Costa.

Trata-se de um ensemble de composição variada e que procurará garantir uma oferta musical de qualidade e com a maior regularidade possível com um carácter semi-profissional.

Contudo, a prestação de serviço à comunidade não se esgota apenas na dimensão cultural atrás referida, tendo sido realizados vários projectos na área da Multimédia e Audiovisual.

Na sequência da criação do canal de televisão interna do IPCB, “ZIP-TV”, pela Escola de Artes, em 2004, com o objectivo de aproximar todas as unidades orgânicas do Instituto Politécnico e depois de uma avaliação cuidada, a ESART entendeu disponibilizar este serviço a toda a comunidade da região. Assim, o canal de televisão passou a estar disponível através da Internet, passando a designar-se Beira TV. Trata-se da primeira televisão regional da Beira Interior. Neste sentido são disponibilizados diversos conteúdos multimédia, relacionados sobretudo com o património edificado, natural e cultural dos distritos de Castelo Branco e da Guarda, sem esquecer alguns dos municípios confinantes pertencentes aos distritos de Portalegre e Coimbra.

Adicionalmente são também disponibilizados alguns serviços web como informação meteorológica, farmácias de serviço, agenda, programação de cinemas, videoconferências, RSS e ligações a entidades da região. ☼

Fernando Raposo

Director da Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco (ESART)

Quem é o Homem que dá vida ao Poeta?

Ora bem, aí está uma pergunta curta a exigir uma resposta longa que não será possível dar durante esta curta conversa. Pois, parafraseando o Álvaro de Campos, sou um indivíduo que nasceu num certo dia e noutra certo dia morre, parece que é normal que isso aconteça, não é?

Entre o nascimento e esse dia, que espero não seja já tão próximo, todos os dias foram meus.

Foram dias passados mediante uma infância muito feliz, numa família com grande harmonia.

Seguiram-se sete anos de estudo no Liceu de Castelo Branco e a ida para a Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Dias então alterados pela prestação do serviço militar de 61 a 65, prestado cá em Portugal e depois em Angola.

Houve também uma vida política, ou não?

Não, não... não houve. Já agora aproveito para dizer que ainda antes do 25 de Abril, durante a chamada primavera Marcelista, existiram uma série de contactos para que aceitasse uma actividade política. Depois do 25 de Abril foram muitas as insistências, mas confesso-lhe que o sector da chamada actividade política nunca me interessou em profundidade. Embora os filósofos digam que o Homem é também um Homo político, a verdade é que nunca fui atraído para aí. Preferi desenvolver uma actividade profissional que me permitisse ter em simultâneo uma actividade literária. Isso bastava-me para ser feliz.

Recentemente, estamos a falar das últimas eleições presidenciais, aconteceu algo surpreendente. Não me custou aceitar um convite para representar a candidatura do Pro-

De António Salvado, a poesia

Castelo Branco, o lugar do chamamento familiar

Às quatro da tarde encontrámo-nos, era essa a hora combinada. Aberta a porta, feitas as breves apresentações, penetrámos simplesmente e de mansinho no santuário do poeta tenuemente iluminado pela luz macia dum quase fim de tarde, filtrada através duma alta janela a mostrar paisagens urbanas. As paredes são totalmente cobertas de memórias, afectos, imagens e obras. Sentado na sua confortável cadeira de trabalho, imaginei-o cavalgando, plenamente confiante e afável, um Pégaso de fertilidade, fazendo jorrar à sua passagem, líquida poesia cantada por todas as fontes da BIS. Passado o momento dos primeiros mútuos olhares, fomos ao que viemos:

Na vida profissional, existiram realmente duas vertentes. Fui Professor do ensino técnico Profissional, a que se seguiram 18 anos como Director Conservador do Museu Tavares Proença Júnior em C. Branco, voltando de novo à docência como Professor adjunto na Escola Superior de Educação, onde um certo ano me jubilei, isto no que se refere à vida profissional.

E as outras?

A outra, a poética, também começou muito cedo e veio a ter a primeira concretização pelos meus 18 anos num livrinho de poemas chamado "a flor e a noite" que deu início à actividade literária, essencialmente poética, que se tem prolongado por uma soma que não é pequena de 43 livrinhos. Independentemente destas duas vidas, outras vidas são as vidas do amor, as vidas da paixão e as vidas dos desenganos; mas tudo isso deixa de ser, sem dúvida nenhuma, a realidade, porque essa tem uma grandeza espantosa que consiste no facto de estarmos vivos. Estamos vivos... e aqui tem a minha biografia.

fessor Cavaco Silva à presidência da Republica a nível distrital, ao que parece com grande sucesso, porque, segundo dizem, foi a primeira vez que ele ganhou em Castelo Branco. Ora bem, a minha actividade política realmente limitou-se a uma tomada de posição relativa ao apoio dado a essa campanha, coisa que, pelo que se está vendo, parece ter sido uma escolha acertada.

E a existência material, a poesia também dá pão?

Nada, nada... na década de 60, há quantos anos! Existiu uma página literária no Diário de Notícias, dirigida pela grande poetisa Natércia Freire, que pagava a colaboração poética. Isso hoje é muito raro! E em matéria de edições é bom nem falar, julgo eu que não há poeta que ganhe dinheiro editando, a menos que tenha uma boa máquina por detrás a promover e financiar.

Ser poeta é então como ser jardineiro, trabalha para poder contemplar o seu jardim?

Claro que, evidentemente, não há poeta que não goste

de saber que um livro seu se esgotou, que há pessoas que se interessam por aquilo que vamos escrevendo, esse é o nosso verdadeiro saldo positivo.

“DO CORAÇÃO SE NUTRE A VELHA CASA”⁽¹⁾

Parece nunca ter sido muito tentado a sair de Castelo Branco?

Castelo Branco tem sido e é o centro da existência familiar, todos os filhos cá viveram. Castelo Branco é o local do Chamamento familiar. Depois, há o viver em, e o existir. Estamos a falar de criadores, o facto de se viver em determinado local, não é sinónimo de existir nesse mesmo local. Fernando Pessoa nunca saiu de Lisboa e, no entanto, é um poeta de quem se diria que correu Mundo.

pelas veias das minhas fadigas; enquanto algumas rosas preguiçarem, se bem que isoladas e teimosas, na jornada do meu peregrinar – não simularei abandonar anseios, libertar palpitações no mais fundo de mim, quererlar as perguntas que me volitam no coração.

Se uma revoada de soluços viaja pela impertinência de um dia nublado, não será por causa dessa voragem imprecisa que fraquejarei no que à directriz do meu canto se refere; não será por essa devastação inesperada que incendiarei a calidez das palavras alinhadas até serem verso.

O acaso, com assiduidade, enodeia o frémito do deslumbramento interior; com frequência arremessa os dardos em direcção à luminosidade dos trinados. Não vos admireis então que eu acredite no desabrochar das searas e na tumez dos frutos.



ANA ALVIM

Passando a um outro assunto: o Homem que é da palavra escrita e da sua apresentação estética, que gostaria de mudar nesta revista que fazemos?

Ora bem... a revista VIVER nasce, evidentemente, de uma determinada realidade, dum determinado programa com uma determinada intenção e propósito. Eu acho que a revista está a acompanhar inteiramente esse propósito e esse programa. É uma revista de qualidade que aborda os problemas da própria região e nos faz pensar nos nossos percursos de vida e atitudes, de grande interesse para todos aqueles que aqui vivem.

Sem espaço para mais palavras, ainda nos restou tempo para filosofar sobre o futuro deste planeta, desta região e da BIS, de onde sobressaíram preocupações que, noutras ocasiões, ocuparão novos espaços nestas páginas. De momento... diz o poeta:

NÃO VOS ADMIREIS ENTÃO ⁽²⁾

Enquanto uma nesga de sol arrulhar os sulcos da minha inquietação; enquanto o som da água primavera circular

O APREÇO DOS OUTROS, PELO POETA DA BIS

Pela sua obra multifacetada que se reparte pela poesia, pelo ensaio, pela crítica, pela tradução, pela antologia etc., foram-lhe atribuídas diversas distinções, entre outras:

Prémio Chignalia da União Brasileira de escritores, Medalha de Mérito e Placa e Diploma de Honra da Universidade Pontifícia de Salamanca, “O Mais da Beira Interior” votado pelos leitores do Jornal do Fundão, Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Castelo Branco, Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura de Portugal, etc... ✿

C.M.

(1) do poema “Infância” de António Salvado, no livro “Interior à Luz”, pág. 33 (1982)

(2) Texto do livro “Modulações” de António Salvado (2005)



FISHEYE

Váatão Abrir o apetite pelas artes a velhos e novos

Preencher um vazio cultural que se fazia sentir em Castelo Branco e na Região, principalmente ao nível do teatro, foi o principal desiderato de Luís Beato, João Pedro Feio, Paulo Sérgio, João do Russo, Gabriel Varela e Hélder Milhano, que se juntaram e decidiram apostar na criação da Companhia Teatral Váatão na cidade albacastrense. Já passaram seis anos e o sonho voou alto: actualmente, o grupo de teatro é constituído por 22 elementos, maioritariamente professores, com idades compreendidas entre os 22 e os 52 anos de idade. Em comum têm a partilha pela paixão da arte da representação, que põem em prática com ensaios semanais regulares, em horário pós-laboral.

O sucesso dos Váatão pode ser facilmente explicado pelo carácter genuíno de quem quer fazer melhor pelas gentes que habitam os territórios da BIS. A base das peças assenta sempre na recriação das tradições e costumes da Beira Baixa, as marcas identitárias de um povo, que os Váatão vão fazendo chegar com as suas digressões pelas várias freguesias da Beira Interior Sul. “Sentimo-nos verdadeiros embaixadores da BIS. Não nos limitamos a actuar aqui na cidade à espera que o público venha assistir às nossas actuações. Pelo contrário: grande parte do nosso trabalho é precisamente procurar as pessoas

e mostrar-lhes a nossa arte, tentando incutir gostos e hábitos culturais”, revela Susana Alves, um dos elementos do grupo.

Esse gosto pelo teatro deve ser trabalhado desde muito cedo, pelo que as crianças são um dos alvos preferenciais da companhia. Todos os anos, os Váatão realizam uma peça infantil nova e com ela viajam por muitas das escolas do distrito. Paralelamente, desenvolvem aulinhas de teatro para os mais pequenos, despertando a criatividade e a imaginação dos espíritos infantis.

Todavia, o interesse pelas artes deve também ser espicaçado nos mais velhos e os Váatão fazem questão de desempenhar o papel de agente formador de cultura. “Temos apostado em cursos de teatro pós-laboral, que têm tido uma boa adesão. Até nos procuram pessoas mais velhas; uma das nossas alunas tem 55 anos”, garante Susana Alves. E desengane-se quem pensa que o teatro é somente para os artistas. “Estas formações são também para pessoas que necessitem de uma valorização pessoal ou de estímulo desinibidor na sua vida social, por exemplo. Não têm necessariamente que querer ser actores, basta que gostem de teatro”, salienta.

Para este ano o grupo tem já vários projectos na manga. O principal consiste em transformar a sua sede, que actualmente alberga um auditório e salas de ateliers para crianças, num amplo espaço cultural destinado a uma variedade de artes, que não se limitem apenas ao teatro. Desta forma, estão previstas para 2007 a realização de aulas de dança, bem como a continuidade na aposta em tertúlias e cafés-concertos, com destaque para os cafés-concertos com os Países de Língua Oficial Portuguesa (Palop’s), incluindo refeição com bar aberto

e actuações de teatro cabo-verdiano. E, claro, “muito teatro, como não poderia deixar de ser”, promete a jovem Susana, assegurando que a preservação é a melhor arma para conquistar um público pouco educado a nível cultural. “Estar em cena com a mesma peça durante duas semanas no mesmo palco não funciona, não há público suficiente. Mas se Maomé não vai à montanha, vai a montanha a Maomé. Até podemos dizer que já temos um público fiel às nossas produções”, revela Susana com segurança. ☘

MEMBROS DO GRUPO DE TEATRO VÁATÃO

Luís Beato (encenador)	Horácio Braz
Anabela Castro	Daniela Mendes
Maria da Luz	João do Russo
João Pedro Feio	Tita
Susana Alves	Hélder Milhano
Vera Mafalda	Puskas
Paulo Sérgio	Jorge Infante
João Paulo	Teresa Preta
Maria João	Euclides
Fernando Paussão	Ernesto
Gabriel Varela	Joaquim

Quem olha atentamente para as pontas dos dedos de Rosário Bello vê uma pele luzidia, quase translúcida, com umas impressões digitais gastas, como se o tempo se encarregasse de apagar qualquer vestígio de identidade. “Porquê?”, deve estar o leitor a perguntar-se, com curiosidade. Pois bem, a resposta é um tanto ou quanto invulgar. Rosário Bello pinta sobre qualquer suporte e recorrendo às mais variadas técnicas artísticas. Mas, o pastel de óleo sobre madeira é a incomum técnica que mais lhe dá prazer e que, ao longo do tempo, tem vindo a aperfeiçoar,

juventude, altura em que o gosto pela pintura começou a sobressair. Na escola, a atenção às lições era trocada quase sempre pelos bonecos rabiscados distraidamente pelas folhas dos cadernos. Os estudos nunca foram o seu forte, mas lembra que arrancava excelentes notas nas aulas de desenho livre. “Sempre quis ser pintora, embora na altura, muito influenciada pela opinião dos pais de que não tinha futuro com esta arte, não me passasse sequer pela cabeça em fazer uma exposição”, conta.

A oportunidade de mostrar a sua obra à população só surgiu em 1996, quando trabalhava no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento (CMCD) de Vila Velha de Ródão. “A Dr.ª. Graça Baptista do CMCD já havia reparado no meu trabalho e lançou-me o desafio de fazer a minha primeira exposição juntamente com outros artistas da Região. Desde aí nunca mais parei”, salienta a pintora, acrescentando que tem corrido o país inteiro, muitas das vezes com duas exposições a decorrer simultaneamente no mesmo mês.

Um dia estava em casa dos pais e o olhar prendeu-se numa velha mesa, pertença dos avós, esquecida a um canto, completamente inutilizada. Pegou numa das placas de madeira que compunham a mesa, virou-a ao contrário, e começou a pintá-la com pastel de óleo. Gostou tanto do resultado que levou a placa para uma exposição. Os visitantes congratularam-na especialmente. Sente que foi esta técnica inusual que lhe garantiu um maior sucesso junto do público. Hoje, está casada, tem dois filhos pequenos, um rapaz de 15 anos e uma menina de seis, pelo que a família ocupa grande parte do tempo da pintora. Paralelamente, trabalha num escritório como funcionária forense em Castelo Branco. Quando sobra tempo para a pintura? “Às vezes não é fácil. Mas aproveito os bocadinhos à noite quando as crianças vão para a cama. O meu atelier é a minha casa: é a cozinha, é a mesa da sala, é o chão... Haja vontade!”, revela. Aquarelas, acrílico, pintura sobre linho e sobre cerâmica, decorações em quartos de criança e em estabelecimentos comerciais são exemplos das inúmeras vertentes do trabalho

artístico desenvolvido por Rosário Bello. Acredita que para se gostar de um quadro não é preciso ter formação ou estudos. Só espera que as pessoas possam realmente apreciar o seu trabalho, “sem verem somente uns riscos na tela”. E, para isso, teve de lutar. Quantas vezes não fez ela própria as cartas a anunciar as suas exposições e as entregou em mão na imprensa regional? Valeu a pena? “Hoje não me posso queixar. Tenho muitos trabalhos encomendados. Mas vou continuar a lutar por mais, porque sei que o mérito e o reconhecimento são coisas que se constroem dia-a-dia por nós próprios”, sublinha. ✨

apostando na formação autodidacta. “Já me disseram que sou a única pessoa a nível nacional que faz pastel de óleo sobre madeira. É uma técnica complicada, uma vez que tenho que esfregar o pastel de óleo, que parece lápis de cera, sobre a madeira e com os dedos trabalhar os traços mais finos, espalhar, esbater as cores”, explica a pintora. Rosário Belo (Bello foi o nome artístico adoptado) nasceu há 34 anos em Nisa, distrito de Portalegre, mas cedo veio morar com a família para Vila Velha de Ródão, uma vez que o pai se empregou como torneiro mecânico na Portucel Tejo. Foi na vila rodense que fez a sua infância e



ADRACES

Rosário Bello

A alma artística na ponta dos dedos

(Des)Concertante Trio

Os personagens



ANA LUÍSA MARQUES,
21 anos

Natural da Póvoa de Varzim, distrito do Porto, desde muito pequena se habituou a ouvir música clássica com o pai, que é professor de música. Com somente quatro anos, começou a aprender a tocar violoncelo. Lembra-se perfeitamente de o instrumento ser muito maior do que ela.

Começou a estudar na Escola de Música da sua cidade, onde completou o quinto grau, equivalente ao nono ano de escolaridade do ensino regular. O secundário foi concluído no Conservatório Regional de Braga, em Ensino Integrado, equivalendo ao oitavo grau - 12º ano de escolaridade.

Em 2003 prestou provas para tentar o ingresso na Escola Superior de Artes de Castelo Branco (ESART), na classe do Professor Miguel Rocha, onde se encontra actualmente no quarto ano do Curso de Violoncelo. Uma série de estágios de Orquestra e de Masterclasses em que participou na ESART pouco anos antes ditaram a sua decisão em ingressar na Escola Superior de Artes Aplicadas da cidade albicastrense.



CARISA MARCELINO,
22 anos

Ouvia o padrinho e um primo a tocar acordeão e, aos poucos, sentiu despertar um gosto pelo instrumento. Por carolice aprendeu a tocá-lo com os familiares, mas uma verdadeira paixão cimentou-se e apenas se tornou seu objectivo ingressar no Conservatório Regional de Castelo Branco para aperfeiçoar a técnica a tocar acordeão. Carisa, natural dos Escalos de Baixo, lutou durante imenso tempo contra a vontade dos pais, que não aceitavam que a sua filha escolhesse um instrumento, com tanto desmérito no mundo profissional da música ao seu mais alto nível. Com persistência, acabou por entrar no Conservatório, com 10 anos. Foi, portanto, com naturalidade que a jovem ingressou, mais tarde, em 2003, no Curso de Acordeão da Escola Superior de Artes Aplicadas, um dos primeiros a abrir em todo o país, onde se encontra a frequentar o quarto ano da licenciatura.

Com apenas 22 anos, Carisa tem já um currículo de prémios invejável. Em 2005, arancou um brilhante quinto lugar a nível mundial na categoria sénior.



SÉRGIO NEVES,
24 anos

Sérgio Neves nasceu em Mamarosa, perto de Oliveira do Bairro, e foi dos três elementos aquele que começou a estudar música mais tarde e a um nível mais amador, na Banda Filarmónica da sua localidade. Todavia, este pequeno atraso de imediato foi superado. O clarinete foi o instrumento de eleição, com o qual completou o oitavo grau do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro, com a classificação final de 20 valores.

Em 2002, entrou na Escola Superior de Artes Aplicadas, no Curso de Clarinete. Findou, no ano passado, a sua licenciatura, mais uma vez com a classificação máxima.

Neste momento, encontra-se a frequentar o primeiro ano de mestrado no Royal College of Music, em Londres.



monótonos, vulgares e de apagada criatividade. “Foi então que nasceu o ‘(Des)Concertante Trio’. Até fui eu que acrescentei os parêntesis”, salienta a violoncelista, entre risos, afirmando que “afinal o nome veio a mostrar-se extremamente difícil de decorar e mesmo de escrever”.

Mas, a maior barreira está na falta de cultura musical do público da BIS. “Temos utilizado um método que tem dado excelentes resultados. Consiste em explicar ao público a peça antes de a tocarmos. Sentimos que desta forma as pessoas compreendem muito mais facilmente aquilo que pretendemos transmitir com determinada interpretação”, garante Ana Luísa Marques.

OS BONS FRUTOS DE UM TRABALHO ÁRDUO

Trabalho, muito trabalho. Um trabalho que não vê fins-de-semana nem feriados e que muitas vezes põe em cheque a vida pessoal dos jovens músicos. Esta parece ser a fórmula do sucesso do (Des)Concertante Trio, que já soma um conjunto muito meritório de prémios a nível nacional e internacional.

O (des)concerto de um trio

Conheceram-se na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART) de Castelo Branco. Todos os três eram estudantes de música e colegas no estabelecimento de ensino, na variante de instrumento: Ana Luísa no violoncelo, Carisa no acordeão e Sérgio no clarinete.

Um dia, Sérgio Neves estava a ouvir um CD de música de câmara de uma formação composta por um contrabaixo, por um acordeão e por um clarinete. E a ideia surgiu: Porque não formar um trio do género, trocando o contrabaixo pelo violoncelo, e conseguir assim uma sonoridade diferente e uma formação invulgar? Falou com as duas raparigas que prontamente aceitaram o aliciante desafio. Nascia, assim, o grupo em Outubro de 2004.

Mas, as dificuldades desde logo se fizeram notar. Assumindo-se como um trio de música de câmara contemporânea erudita, aperceberam-se da falta de repertório já escrito nesta área musical. A ideia passou então por propor a composição de obras a compositores portugueses deste século, contando, para isso, com o total apoio e ajuda do Professor Fernando Raposo, director da ESART. Neste momento, quase todas as obras interpretadas pelo trio são especialmente compostas para o trio. São obras propositadamente encomendadas a compositores portugueses contemporâneos, às quais a Escola compra os direitos de autor.

De seguida, veio a dificuldade da escolha de um nome. O grupo andava há já algumas semanas à procura de uma denominação que identificasse o seu estilo próprio. Pediram ajuda aos colegas e as sugestões não tardaram a surgir. “Depois de andarmos todos a matar a cabeça imenso tempo, entre nomes estrambólicos e outros pouco melhores, alguém deu ideia de ‘Concertante Trio’”, conta Ana Luísa. Ainda assim o entusiasmo não foi grande em relação a esta designação, que consideravam fraca e a lembrar timbres

Depois de um segundo lugar – “uma surpresa”, confessam –, arrecadado logo na primeira participação da formação em concursos estrangeiros, no Concorsi Internazionali di Musica della Val Tidone, em Itália, em 2006, na categoria de música de Câmara, os prémios têm-se sucedido sem parar. “Tínhamos acabado de receber as duas obras que íamos apresentar apenas duas semanas antes da prova. Foram duas semanas loucas de ensaios em conjunto, não nos sentíamos muito preparados, mas conseguimos um segundo lugar. Nenhum de nós queria crer”, sublinha a violoncelista. A partir desse momento, acreditaram verdadeiramente no seu talento e aliaram-no a um trabalho ainda mais intenso. O Verão passado foi completamente ocupado com ensaios diários. Aproximava-se a Copa Mundial de Acordeão na Noruega, em Outubro, e o Sérgio em breve partiria para Londres. “Eram três dias por semana em casa de cada um”, contam, acrescentando que “tempo livre era coisa que não existia”. Não admira, portanto, que tenham enfrentado o palco norueguês com confiança suficiente para apaixonar imediatamente o júri do concurso. De volta, trouxeram na mala um brilhante primeiro prémio, até porque “já estávamos fartos dos segundos”, brincam. E quanto a sonhos? “Preferimos não sonhar muito. Queremos evoluir cada vez mais na nossa formação individual e continuar a apostar na participação em concertos e em concursos. Desta forma, os sonhos vão realizando-se gradualmente, sustentados sempre na base sólida do trabalho”, salientam. Uma coisa é certa: o (Des)Concertante Trio é para continuar e consegue adivinhar-se um percurso musical consistente com inúmeros êxitos à vista, motivos de orgulho mais do que suficientes para as gentes da nossa BIS. ❁

Norton

O sucesso é um prato que se serve frio

Quando cinco rapazes muito jovens e cheios de ideais, amigos de longa data, todos naturais de Castelo Branco decidem formar uma banda de música, de estilo actual e muito ao jeito dos “meninos bem comportados” da pop-rock produzida no estrangeiro, foram imediatamente olhados com descrédito pela maioria. Os albicastrenses, principalmente o seu potencial público mais jovem, não viam mais do que “um grupo de garotos com mania de quererem ser alguém no panorama musical mais mediático”, lembra Rodolfo Matos, um dos elementos da banda.

Os “Norton” (nome escolhido por não ter tradução e facilmente entrar no ouvido) nasceram em 2003 da junção de duas bandas - Alien Picnic e Oscillating Pham -, cujos membros se conheciam desde a adolescência e cujos ensaios decorriam no mesmo espaço em Castelo Branco. Nesta altura, os rapazes encaravam a música apenas como um hobby, mas sentiam, aos poucos, que tratar esta arte como um mero passatempo se mostrava insuficiente para o alcance dos seus objectivos mais ambiciosos. Ainda sem grandes perspectivas e conscientes do mundo dantesco que tinham de enfrentar, ocuparam os meses de Março a Outubro a compor músicas originais e deram os seus primeiros dois concertos, enquanto Norton, no Porto e em Braga. Em Dezembro do mesmo ano, gravaram finalmente o EP (denominação técnica dos CD's que não têm faixas musicais suficientes para serem considerados um álbum), com quatro músicas, que saiu para o mercado em inícios de 2004. Os resultados proficuos não tardaram a chegar. Foram colocados na lista dos cinco melhores discos do ano de 2003 pelo Diário de Notícias, o primeiro dos inúmeros destaques que se sucederam um pouco por toda a imprensa nacional. Uma chuva de concertos começou a inundar as suas ainda curtas carreiras e, naturalmente, nasceu o seu primeiro álbum de originais em 2004.

Todavia, o reconhecimento merecido pelo trabalho de qualidade desempenhado pela banda só tardiamente chegou à Região. Rodolfo lembra hoje com um sorriso o desalento que o grupo sentiu quando fez a sua primeira actuação em Castelo Branco, no auditório da Escola Superior de Educação (ESE). “Depois de termos enchido a discoteca “Frágil”, no Bairro Alto, em Lisboa, e de termos lotado também as salas do Porto, tocámos na ESE para uma plateia de 30 pessoas. Foi desolador”, comenta o jovem. E a primeira reacção da banda, muito instintiva e pouco correcta - hoje reconhecem-no -, foi tomar a decisão de nunca mais tocar na cidade, para “pessoas

que não entenderam o esforço enorme dispendido na organização de um concerto de qualidade de uma banda de Castelo Branco, para o público de Castelo Branco”, recorda Rodolfo Matos. Mais tarde, e depois de uma reflexão mais ponderada sobre o assunto, os Norton resolveram dar uma segunda oportunidade à Beira Interior Sul, com um concerto que ficasse na memória de todos os beirões. O local escolhido foi o Cine-Teatro de Castelo Branco. “Apostámos tudo nessa actuação: pedimos apoios, gastámos imenso dinheiro, alugámos equipamento de som, trouxemos os nossos técnicos, fizemos cartazes de promoção - coisa que nunca tinha acontecido com uma banda albicastrense - e o que é certo é que esgotámos o Cine-Teatro. Houve mesmo gente que não chegou a entrar”, salienta Rodolfo. Agora dizem já sentir um carinho diferente por parte das pessoas da Região, ao qual têm retribuído com mais concertos na cidade.

Sempre donos de um jeito tímido e reservado, os Norton não se assumem como artistas, deixando esse título para os grandes génios da arte, “como o Picasso”, dizem. Mas, têm perfeita consciência de que o seu trabalho poderá ajudar a promover a Beira Interior Sul pelo resto do país. Além disso, o seu sucesso pode ainda conseguir que “a imprensa nacional venha a dar uma atenção mais cuidada à Região e ver o que se passa por aqui a nível musical”, afirma o jovem músico.



NOVO DISCO A CAMINHO

Actualmente, o grupo está reduzido a quatro elementos, por infelicidade do destino, que ceifou a vida ao único jovem da banda que tinha formação profissional em música. Todavia, os Norton não se deixaram abater pelo infortúnio e caminharam em frente. Rodolfo Matos está a apostar num aprofundamento dos seus conhecimentos musicais, com o objectivo de uma profissionalização da carreira. O grupo pretende passar a viver exclusivamente da música e um novo disco está prestes a sair para o mercado ainda este mês de Março. “Kersche” foi o nome escolhido para o álbum, que conterà 10 faixas de composições originais, reflectindo um amadurecimento notório em tons de pop electrónico. O novo disco, que anda a ser trabalhado desde Dezembro de 2005, conta com participações de alguns convidados, membros dos The Gift, Gomo, Jaguar, entre outros. As datas para a tournée de lançamento estão já a ser marcadas e falta só mesmo que o disco chegue de Nova Iorque, onde se encontra a ser masterizado nos The Lodge Studios por Emily Lazar, habituada a trabalhos com Madonna, David Bowie ou Depeche Mode. Com todos estes predicados, alicerçados num trabalho de suado esforço, este novo disco só pode, mais uma vez, estar votado a um grande sucesso nacional. ☼

RODOLFO MATOS,

25 anos, estudante na ESART do curso de Música Electrónica e Produção Musical. Faz ainda produção de espectáculos.

PEDRO AFONSO,

25 anos, estudante de Psicologia em Lisboa.

ALEXANDRE RODRIGUES,

27 anos, funcionário público em Castelo Branco.

LEONEL SOARES,

28 anos, editor de imagem, que vai desenvolvendo trabalhos pela Região.

www.nortonmusic.net
www.nortonmusic.blogspot.com
www.myspace.com/norton

Filipa Minhós

O decano dos artistas da BIS

*"Ti" Moisés, entalhador, dourador,
restaurador... é quem diz!*

"Aos oitenta e seis, sou eu que acabo com o trabalho, não é o trabalho que acaba comigo..."

Mas até à minha arte chegou a crise! Antigamente a maioria dos meus clientes eram senhoras que gostavam de comprar peças artísticas para mobilar e decorar a casa, agora as senhoras só querem é ir até à pastelaria beber um cafezinho, ou um chá, comer uns bolinhos e dar a volta pelas "botiques" para comprar um vestido novo! Já não se dá valor à arte de quem, com as suas mãos, cria obras capazes de evidenciar, pela diferença, a originalidade do criador e a personalidade do comprador.

Agora entre 20 encomendas só uma aceita o preço que lhe peço. Parece que quem tinha o gosto ficou pobre e quem engordou gosta muito é de chocolate.

Pode crer, no meu banco de trabalho, à medida que vou dando forma ao que imaginei, sinto-me como se tivesse 40 anos... até talvez melhor, com mais paciência, que é das coisas que um bom entalhador mais necessita.

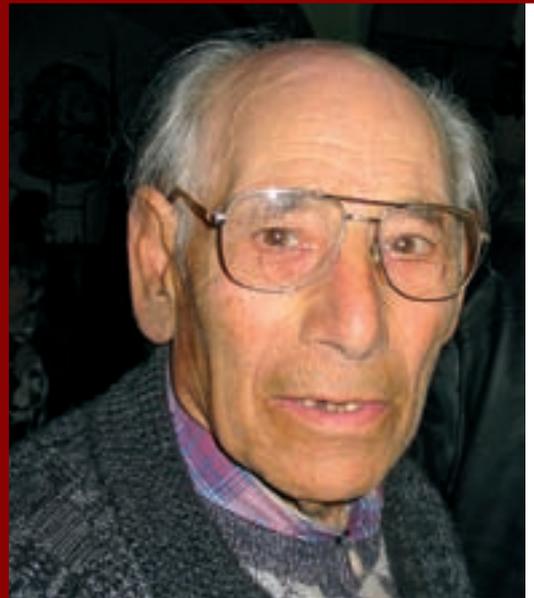
Um dos últimos aspirantes a aprender esta arte, entrou aí por essa porta e esteve um bom bocado a ver-me trabalhar. Depois, com um ar surpreendido e sem grande entusiasmo, foi dizendo: "estou a ver que é preciso muita paciência..."; pois é, disse eu, mas não faz mal, leva esse balde e vai à farmácia e pede para to encherem de paciência, depois pões o balde ao pé de ti e de vez em quando molhas o lenço e espremes sobre a tua cabeça... ficou de voltar mas... como todos os outros, de há 30 anos até hoje, nunca mais apareceu!

Mas eles é que estão a ver bem... se aquilo que faço está perdendo valor, porquê aprender a fazê-lo?"

Começou assim este nosso encontro. Conversa espontânea, sem ensaios nem prefixação de assuntos a tratar. Muito serenamente, em tom desprovido de crítica ou ressentimentos, o "Ti" Moisés, a nosso pedido e com um ligeiro sorriso sonhador, lá voltou ao princípio.

"Chamo-me Moisés de Oliveira Rafael, nascido em 25 de Junho de 1921, é só fazer contas..."

Sou neto e filho de carpinteiros todos por cá nascidos e criados. Meu Pai morreu novo com a peste pneumónica. Aos 44 anos deixou cá 8 filhos, imaginem quantos irmãos seríamos se tivesse vivido até aos oitenta! Oito filhos, eu, o mais novo, ainda não tinha nascido quando ele faleceu, ele morreu em Fevereiro e eu nasci em Junho, o mais velho tinha então 18 anos. Foram os mais velhos que assu-



miram o sustento da família, primeiro por conta de outros e, poucos anos depois, em carpintaria própria onde todos trabalhamos e governamos as nossas vidas. Todos fomos carpinteiros, por causa dessa carpintaria da família é que eu também comecei como carpinteiro... não era isso que eu queria, sonhava com a ideia de ir para a Escola de Belas Artes... mas começaram a dizer que era muito difícil, que tinha que ter o sétimo ano, que era preciso muitos anos para poder tirar um curso e coisa e tal, eu que pensava que ir para belas artes era ir para lá por gosto e lá se aprendia o que fosse necessário, não tive outro remédio senão abandonar o sonho.

Com 11 anos, acabada a escola primária, fui pedir trabalho como servente na construção civil, dos 13 aos 18 trabalhei numa fábrica de massas alimentícias, resisti até aos 18 a entrar para a carpintaria, a ideia de ser escultor de imagens não me saía da cabeça.

Sempre, desde muito pequeno, gostei de cheirar e sentir a madeira entre as minhas mãos, olhar para ela e adivinhar a melhor forma de aproveitar os seus veios, as suas diferentes texturas, cada pedaço exigindo uma maneira diferente de trabalhar, ao contrário do barro, sempre achei que a madeira era matéria viva a tratar com amor e, no meu caso, com paixão!

Tive uma mocidade bem feliz. Para além de ser uma fa-



ADRACES

mília de carpinteiros, tínhamos um outro traço comum, todos tínhamos igualmente um certo jeito para a música. Toquei flauta durante 6 anos na filarmónica de Alcains, mas eu e a maioria dos meus irmãos fizemos parte dum conjunto que tocava em bailes e festas, eu era muito popular, nessa época pertencia às elites de Alcains.

Feita a tropa regressiei à carpintaria, nesse tempo recebíamos moveis do norte que vinham em branco para serem acabados aqui, comecei a analisar as “aparás” que vinham dentro e, por elas, a estudar o tipo de goivas que utilizavam para fazer os entalhes. Como nunca gostei de assentar portas e janelas nem da carpintaria grossa destinada à construção civil, disse ao meu irmão mais velho, “olha, eu quero é dedicar-me a fazer aqui os móveis que estamos a mandar vir do norte”, ele respondeu-me que se eu me entendia que avançasse, que mesmo que ao princípio estragasse alguma coisa, isso não teria importância.

Aí começou a minha actividade como marceneiro que mais tarde evoluiu para entalhador-dourador e restaurador de artes antigas em madeira.

Aos 26 anos casei-me e, com o nascimento das filhas, comecei a pensar que tinha que arranjar maneira de juntar algum dinheiro para que mais tarde não lhes acontecesse a elas o que me tinha acontecido a mim, não poder estudar.

Botando mão aos conhecimentos adquiridos, comecei a trabalhar em casa. Depois do trabalho de marceneiro de móveis de estilo na carpintaria, dediquei-me à criação de peças decorativas,

candelabros, candeeiros, molduras, transferência de litografias sobre madeira etc., obras originais que começaram a ter muita aceitação e procura.

Saber desenhar é fundamental, um bom entalhador não pode dispensar a capacidade de transpor a ideia do que quer fazer, para um modelo desenhado em papel, tamanho natural, antes de rasgar a madeira para obter a forma desejada.

Uma ocasião, vieram uns artistas de Braga para restaurar o altar-mor cá da nossa igreja, aproveitei a oportunidade e ofereci-me para ir ajudar de borla, por lá andei a olhar como faziam, deixaram-me fazer de tudo menos dourar! diziam que era muito arriscado porque se houvesse algum erro tinha que se começar tudo de novo!

Mas eu já tinha experiência da arte de dourar... que é uma arte de extrema delicadeza. Em 1950 pedi um livro sobre as técnicas de dourar à Casa Varela e mais tarde todos os materiais necessários. Tinha feito a minha auto-aprendizagem, desta, como de todas as técnicas que fui dominando! Fui à sacristia e agarrei num andor que por lá estava todo escangalhado e meio podre, trouxe-o para casa, restaurei-o completamente com as respectivas molduras douradas e mais tarde mostrei-o aos artistas de Braga que, a partir daí, não puseram mais limitações à minha ajuda.

Às obras para decoração caseira juntei, cada vez com maior importância, as coisas de pendor religioso. Por todo o país e também no estrangeiro existem trabalhos meus, a maior parte sem identificação. A minha bancada de trabalho tem sido ao longo de mais de meio século, a par da minha companheira que Deus tem e das filhas, a grande companheira das minhas lutas e angústias constantes pelo aperfeiçoamento da minha arte.

Para além do reconhecimento das pessoas que me confiaram trabalhos, recebi durante estes últimos 30 anos algumas manifestações públicas de apreço pela minha arte, entre elas a medalha da Cidade de Castelo Branco.

Desde que abracei esta escolha... adeus bailes e músicas. Mais recentemente ainda ajudei a fundar o museu local de artes e ofícios, agora em vias de reorganização e instalação no antigo Museu do Canteiro. Isto tornou-se a minha paixão, o meu prazer e uma razão para querer, com satisfação, continuar até que Deus mo permita... por enquanto, o trabalho não acabou comigo, eu é que acabo com o trabalho!”

“Oh Moisés, faz-me umas tairocas...” – pediam elas!

Para além de músico e bem parecido, o jovem Moisés também era muito solicitado pelas raparigas do seu tempo, entre outras qualidades, pelas tairocas talhadas em madeira rendilhada que fazia de graça. Pelo que disse, era mesmo de graça, que nesse tempo as “liberdades” eram muito vigiadas!

Já nessa altura o Moisés se servia da sua arte para sustentar a sua popularidade e imagem: – “naquele tempo eu pertencia às elites!” ❁

A rádio local em defesa da nossa identidade cultural



Rádio Clube de Monsanto

Um instrumento valioso ao serviço

da Promoção dos artistas da BIS

Citando os seus estatutos, o objecto é "... Criar e manter, nos termos da Lei, uma estação emissora de radiodifusão em Monsanto, com características regionais".

Na prossecução dos seus fins, a Rádio Clube de Monsanto tem procurado, nomeadamente:

- Promover e defender a identidade nacional e regional, contribuindo para o prestígio e fortalecimento dos valores da Beira Interior;
- Divulgar e promover a Música Portuguesa e, sobretudo, os valores culturais da BIS e de Monsanto – “a Aldeia Mais Portuguesa”;
- Organizar e patrocinar, no respeito pelo rigor e pluralidade de opiniões, programas formativos e informativos sobre assuntos reputados de interesse para a comunidade regional;

Volvidos estes vinte e um anos, permanece inalterável a motivação e incentivo que levaram à sua criação. Esta zona, riquíssima em tradições muito ancestrais, transmitidas de geração em geração, vão caindo no esquecimento como consequência da evolução, neste aspecto negativa, da nossa sociedade, em que se propaganda e publicita mais outras culturas, sendo disto exemplo o caudal de música anglo-americana com que são “bombardeados” os ouvintes da maioria das rádios, obrigando-os, em geral, a negligenciar os padrões e cultura do nosso povo, levando, sob certa forma, à perda gradual da nossa identidade.

Desde 1985 que vivemos nesta constante luta diária. O licenciamento ou legalização da RCM foi um processo delicado. O esforço valeu a pena, pois estamos no ar vinte quatro horas por dia e temos um grande auditório, que desde sempre nos tem sido fiel. Só assim foi possível vencer os sucessivos desafios.

O nosso caminho foi percorrido com humildade, com seriedade, com determinação e sem hipotecar o futuro. O Estatuto de Instituição de Utilidade Pública foi-nos atribuído em 1996.

Em 20 de Janeiro de 2005, demos início às emissões directamente do novo Centro de Produção da RCM em Castelo Branco, com algumas horas semanais dedicadas à informação e aos debates. Contamos com duas dezenas de colaboradores especializados em diversas áreas do conhecimento e do pensamento. De Castelo Branco sai a emissão, via Internet, para os cinco continentes, com conteúdos de cariz popular e tradicional, dentro da nossa maneira singular de estar na Rádio, com a simplicidade que nos caracteriza, há vinte e um anos, sempre na defesa intransigente da música portuguesa e dos nossos valores culturais.

Com optimismo e confiança vamos continuar esta caminhada em prol do regionalismo e da nossa terra, na defesa intransigente dos seus interesses e aspirações, a que é bem possível associar a tradição e a cultura, não renegando a história, mas lutando sempre por novas realizações que constituam real progresso.

A Rádio Clube de Monsanto, no coração da Beira-Baixa, tem feito, desde Novembro de 2005, uma verdadeira Ponte de Amizade com as comunidades portuguesas, espalhadas nas sete partidas do mundo e com os povos da Lusofonia, porque temos orgulho da nossa História. É deveras estimulante saber que os nossos emigrantes se sentem mais próximos de Portugal quando, nas terras longínquas onde trabalham, escutam a nossa Rádio Clube, num aproveitamento feliz das novas tecnologias.

A Rádio Clube de Monsanto, como uma Rádio de Proximidade, agora, também, com a sua página na Internet www.radio-monsanto.com (já visitada por mais de 70.000 cibernautas) e a sua emissão on-line, quer estar sempre na primeira linha deste bom combate, para que jamais se percam os valores tradicionais da nossa gente, de rija tempera, como rijo é o granito que caracteriza e tipifica a “Aldeia Mais Portuguesa”, a “Nave de Pedra”, como muito bem lhe chamou, em livro, o saudoso escritor e grande amigo de Monsanto, Dr. Fernando Namora, que, também, foi um dos sócios fundadores da RCM e um defensor da identidade e da cultura do Povo Português. ☼

Monsanto, Fevereiro de 2007

Joaquim Manuel da Fonseca

Director da RCM

Bruno Maioral

Luzes, Câmara... Interacção!



FISHEYE

Tudo nasceu da disciplina de projecto da licenciatura de Multimédia e Audiovisuais da Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART) de Castelo Branco. Bruno Maioral teve a ideia inédita em Portugal de criar um filme interactivo, um novo conceito multimédia e digital onde o espectador não assume um papel meramente passivo, antes pode intervir e participar como protagonista da história, através de simples cliques do rato de um computador ou mesmo do comando de um leitor de DVD. “A curta-metragem é um filme e um jogo ao mesmo tempo, cuja originalidade assenta precisamente no facto de quem o vê ter possibilidade de acção sobre ele”, explica o jovem artista.

“Judith – Um filme jogável” (assim se chamou a fase inicial do projecto), conquistou a curiosidade dos jovens da Região e, rapidamente, deixou de ser um mero trabalho de final de curso para se assumir como um projecto independente e inovador, de uma complexidade inesgotável, tais são as potencialidades da arquitectura do desafio. “Inicialmente estava apenas previsto um filme, só que realmente agora o meu objectivo é arranjar patrocínios para fazer mais episódios Judith”, salienta

Bruno Maioral. Neste momento, o projecto, cujo slogan anuncia “Uma experiência interactiva”, está esmiuçadamente ramificado e aproveitado em todas as suas vertentes. Pretende ser, para além de um conjunto de curtas-metragens, um universo virtual, onde se aproveita o argumento dos filmes, para lançar uma série de desafios, *castings* e *merchandising* e desbravar as ainda desconhecidas potencialidades da Internet, conseguindo, com isso, a própria projecção nacional e internacional do projecto. Um site na Internet, totalmente interactivo, animado e musicalizado digitalmente por Bruno Maioral, é o cartão de visita e o passe de entrada para o mundo *Judith*. As *playrooms* (salas virtuais onde é atribuído um *megabyte* gratuito a qualquer pessoa que pretenda dar desenvolvimento ao projecto por via de som, imagem ou animações) e os *podcasts* (através de subscrição no *software I-Tunes*, disponível no site do projecto na Internet, os interessados podem receber, de forma actualizada, notícias sobre o projecto, bem como os episódios *Judith*, no telemóvel) são apenas exemplos de um conjunto de serviços disponíveis ao público, através do recurso às novas tecnologias de informação.

Sempre sozinho nesta peleja, sabe que, um dia, a boa-vontade não vai ser suficiente para manter de pé um projecto de dimensão tão ambiciosa. “Necessito urgentemente de apoios. Acho que é um projecto que pode ir beber a muitas fontes e daí tirar rentabilidade económica. Mas é muito complicado fazer uma obra de ficção, nem que seja de 10 minutos, quando não se tem dinheiro para comprar sequer uma câmara de filmar”, lamenta Bruno Maioral. Todavia, acredita que, a longo prazo, *Judith* vai conseguir vingar neste mercado ainda incompreendido pela maior parte da população: “primeiro, porque a nível nacional não há nenhum projecto sequer parecido com este e só há a lucrar com a novidade e inovação, depois, porque um projecto culturalmente diferenciado é sempre uma mais-valia para qualquer Região, quanto mais para a BIS, que precisa de alargar os horizontes culturais”, salienta peremptoriamente.

www.judith-project.com

O HOMEM DE TODAS AS ARTES

Natural de Castelo Branco, Bruno Maioral, de 32 anos, sempre foi um amante das artes em geral. Ainda teve uma breve incursão pela turma de Desporto, no ensino secundário, mas a sua forte apetência para o mundo artístico falou mais alto, o que o levou a ingressar pela área das Artes. Gosta de todas e pratica umas quantas. Foi guitarrista numa banda de música, tempos que recorda com grande saudade. Pinta uns quadros para vender aos amigos “por preços ridículos que nem vou mencionar”, brinca. Ultimamente é o cinema e a arte digital que mais tempo lhe ocupa o espírito criativo. Diz que consegue neste projecto reunir o máximo de artes possível numa mesma área de acção. Cinema, filmagens e escrita dos guiões, música, animação e produção multimédia e audiovisual, todas são produzidas pelo jovem, num contexto de máxima interactividade.

Formado pela ESART de Castelo Branco no ano transacto, Bruno Maioral encontra-se de momento desempregado. Valem-lhe os pequenos trabalhos artísticos que vai desenvolvendo. ✿

A 10 de Maio de 1976, nasceu em Monfortinho, Rogério Celestino, que guarda da sua infância alguns bons momentos a construir carros de rolamentos, a roubar laranjas nos quintais dos vizinhos e a dançar “break-dance” na escola. Foram tempos felizes, esses, de uma vivência simples, mas carregada de forte apego à terra e às suas tradições. No entanto, não esquece os problemas raciais que principalmente os seus irmãos mais velhos tiveram de enfrentar quando a sua família trocou Monfortinho pela capital do concelho raiano. A discriminação e o racismo sempre caminharam ao lado do actual musicoterapeuta, que, no entanto, serviram para lhe imprimir mais força e coragem na conquista dos seus objectivos.

Era ainda muito pequeno quando os pais decidiram morar em Idanha-a-Nova e montar o negócio do Restaurante “O Adufe”, perto da barragem da localidade. Com eles aprendeu a cozinhar, actividade que, mais tar-

Mais tarde, conseguiu ingressar na Escola de Jazz Luíz Villas-Boas em Lisboa, onde adquiriu os conhecimentos de aperfeiçoamento necessários para começar a tocar guitarra de uma forma mais profissional. Mas, para Celestino, o seu interesse pela psicologia da música e pela musicoterapia nasceu quando foi trabalhar como cozinheiro para a Associação Belgais, da pianista Maria João Pires. “Nunca tive uma lição directa com a Maria João, mas foi uma experiência profícua em termos de audição. Eu passei dois anos lá, a ouvir a música dela enquanto cozinhava e depois, posteriormente, ia ter com ela para tirar impressões sobre as dúvidas que me ficavam do que ouvia”, explica o jovem.



Rogério Celestino

Descobrir o lado científico da música

de e por incrível que pareça, lhe garantiu o passe de entrada no mundo da música. Foi também com os progenitores, que eram bailarinos, que tomou curiosidade por todo o processo científico de origem do som e da vibração que, harmonicamente conjugados, fazem nascer a música ritmada.

A frágil situação financeira da sua família não lhe permitia adquirir instrumentos musicais. “Isso não constituiu grande problema, na medida em que eu e os meus irmãos fazíamos os nossos próprios instrumentos com alguns materiais que recolhíamos pela vila. Eu fiz a minha própria guitarra”, salienta Rogério, acrescentando que teve ainda a sorte de ter aulas de música com dois professores amadores do Rosmaninhal: Domingos Louro que tocava bandolim e Chambino que tocava guitarra clássica. Lembra ainda com carinho o dia em que teve o seu primeiro instrumento - um baixo eléctrico - oferta de João Louro do grupo “Ciranda” por sempre ter acreditado no potencial do jovem.

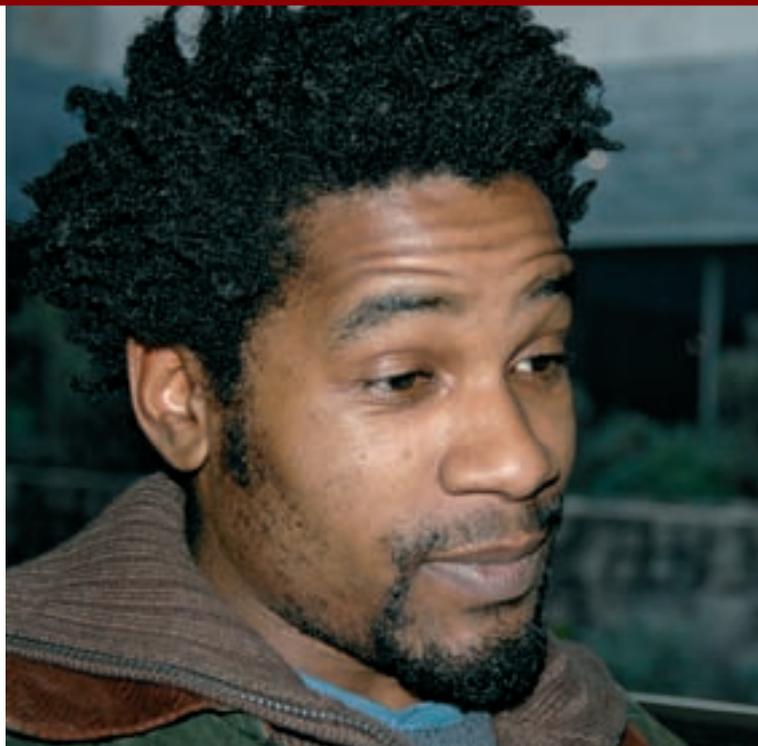
Foi este método de aprendizagem diferenciado que o iniciou no estudo científico da relação da música com as pessoas. Depois de se fazer à estrada para dar concertos um pouco por todo o país e de inúmeros trabalhos com gente tão conhecida como Bonga ou Toni Levin, Rogério Celestino empreende uma viagem a Itália e toma o primeiro contacto com algumas escolas de musicoterapia do Sul da Índia. O fascínio por esta ciência em fase de credibilização é tão grande que, sem hesitações, ingressou na Universidade de Psicologia de Pádova, em Itália, para aprofundar uma formação em estudos de musicoterapia. Actualmente frequenta a Universidade Popular de Florença e, simultaneamente, dá aulas extracurriculares na Academia de Belas Artes de Veneza.

QUANDO AS TRADIÇÕES RAIANAS VIRAM CIÊNCIA

Mas em que consiste concretamente a musicoterapia? Rogério Celestino explica: “Musicoterapia não é uma arte, é uma ciência que estuda a psicologia da música. Consiste em tentar apreender a multiplicidade de significados da música, recorrendo a diversos estudos filosóficos e psicológicos e, simultaneamente, perceber a sua influência nas relações humanas e na valorização da cultura de um povo. Na musicoterapia, a pessoa ouve música como forma de terapia”.

Todavia, Rogério também se dedica ao estudo da música enquanto arte-terapia, esta sim uma arte, que se distingue da primeira, mais científica. “A música arte-terapia é uma forma activa de educação mediante arte que pode ter funções terapêuticas ou aproximativas com o ob-

como património educativo e cultural. A aposta tem, então, assentado no estudo da semiótica do adufe, que há muitos anos se tem vindo a perder, na medida em que “quem se interessa por este instrumento ou são historiadores que não o sabem tocar, ou são adufeiras que não conhecem a sua história”. Em Itália, onde vive actualmente, Rogério tem aliado a teoria à prática. Nos seus estúdios de música sediados em Itália e em Budapeste, na Hungria, tem desenvolvido inúmeros projectos, todos eles incluindo a cultura musical da Raia. Primeiro editou um CD de música realizado em conjunto com o Departamento de Psiquiatria de Pádova. Neste momento, encontra-se a gravar a sua trigésima ópera e orgulha-se de, em todas elas, ter incluído os instrumentos raianos, como o adufe e a zamburra. Mas uma ligeira tristeza assoma-lhe ao rosto, quando pensa que estes projectos só têm o verdadeiro reconhecimento lá fora.



ADRACES

jectivo de valorizar o potencial humano e, desenvolver a capacidade intelectual. Digamos que é uma forma de descobrir o nosso carácter perante a vida. É uma terapia, mas não significa que a pessoa tenha de estar doente para poder beneficiar dela”, explica o jovem musicoterapeuta. A música arte-terapia, já acreditada nos Países Nórdicos, França, Itália e Austrália, assenta numa relação terapêutica particular, baseada na interacção entre o sujeito (criador), o objecto de arte (criação) e o terapeuta (receptor). As características referidas facilitam a comunicação, o ensaio de relações com os objectos, a expressão emocional significativa, o aprofundar do conhecimento interno, libertando a capacidade de pensar e a criatividade.

Da fase atrás descrita à inclusão das tradições raianas nesta ciência foi um pequeno passo. “Consegui criar uma identidade raiana muito mais profunda que muitos outros naturais da Região”, revela o jovem, acrescentando que a Idanha-a-Nova falta verdadeiramente uma reelaboração e uma reactualização dos valores raianos

Não perde a esperança de um dia regressar em definitivo a Portugal, mas sabe que esse retorno não estará ainda para breve. “Quem é da terra sempre volta, mas eu preciso continuar a acreditar no que faço lá fora, para ganhar forças para poder vir para a Idanha. Quando eu voltar é para criar uma nova função da música e esses projectos ainda não os consigo encontrar aqui”, argumenta. No entanto, as pequenas visitas ao território são constantes, quer para matar saudades da família, quer para se manter a par da evolução da Região, e é com rejúbilo que assiste a uma alteração das mentalidades no que toca à novidade: “As pessoas não conhecem o meu trabalho, mas não deixam de acreditar nele. Vejo que a população já sente curiosidade em conhecer”, afirma Rogério Celestino. Para já está já prevista a realização de um workshop de musicoterapia em Idanha-a-Nova para meados deste ano, numa das deslocações de Rogério a Portugal. ✨



ADRACES

Arte da sobrevivência ou sobrevivência pela arte?

Assim que se transpõe a ombreira do antigo edifício situado perto do cruzeiro de Proença-a-Velha, concelho de Idanha-a-Nova, entra-se num espaçoso atelier artístico que já pouco guarda do que antes fora uma mercearia local. No interior, cujo primeiro andar alberga a sua casa, esperam-nos Joana Burnay, de 39 anos, e António Martinho Osório, de 51, um casal de pintores que, por amor à arte, trocou uma vida frenética, mas minimamente estabelecida em Lisboa, pela quietude solitária da Raia.

Joana relembra as dificuldades que se arrastaram por anos a partir do momento que escolheram a pequena aldeia do concelho de Idanha-a-Nova como morada de vida. “Não conhecia a Beira Baixa, apesar de o meu avô ser de Castelo Branco e a minha avó da Covilhã”, conta a artista plástica, acrescentando que foi “um choque quando me deparei com um sítio onde não havia nada”. Natural de Sintra, com um espírito genuinamente cosmopolita e toda uma formação artística de base nas melhores escolas do país, vivava na área, vendia facilmente todos os

seus quadros e nada apontava que o destino a empurrasse para as terras da BIS.

Já António é proveniente de Proença-a-Velha, mas desde muito cedo se aventurou na vida da capital. “Nunca fui voltado para os estudos, o que eu gostava mesmo era de desenhar. Então fui tentar a minha sorte como artista para Lisboa”, revela com sinceridade. Recordar-se como se tivesse sido ontem do dia em que vendeu o seu primeiro quadro - um retrato - pelo preço singular de 500 escudos. A partir desse momento, nunca mais parou de pintar, embora reconheça que as dificuldades financeiras nunca foram ultrapassadas. Um dia andava à beira-mar a apanhar percebes, actividade da qual retirava algum rendimento para poder comprar tabaco, quando escorregou nas rochas e partiu uma perna. Tal acontecimento foi como que o dinamo que pôs em marcha todo o processo de regresso a Proença-a-Velha.

Nessa altura conhecia já a sua companheira, cujo primeiro encontro, reconhecem ambos entre risos, “não correu nada bem”. Mas o amor foi surgindo e uma vida em comum fazia parte das suas pretensões. Foi, então, com naturalidade que Joana acompanhou António para o território raiano, levando consigo os seus dois filhos e uma mão-cheia de ideais.

A adaptação não foi fácil, principalmente para a Joana que julgava que nunca ia perder a ligação com os seus clientes de Lisboa. António tinha menos a perder, mas foi obrigado a vender todos os seus quadros para conseguir fixar morada na pequena aldeia. A capital ficou lá longe, a ligação foi-se perdendo, e o casal ficou à mercê de sérias dificuldades económicas. “Ainda passámos alturas de carências e de falta de pão à mesa”, conta Joana Burnay, acrescentando, no entanto, que nunca vai conseguir esquecer o apoio prestado pela população local. “No início as pessoas eram um bocadinho desconfiadas, mas depois foram sempre tão solidárias, que nos deixavam quase todos os dias legumes à porta de casa”, revela.

Entretanto já passaram 11 anos e com muito esforço têm conseguido ganhar terreno e nome na área. Ele mais dedicado ao retrato, ela apostando nas artes decorativas, têm visitado Monsanto, Idanha-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Castelo Branco com as suas exposições. E estão bastante satisfeitos com a receptividade dos seus trabalhos junto do público da BIS. “Em Lisboa, eu vendia todos os meus quadros, mas o corropio da vida urbana não permite a fixação das obras. Aqui no Interior, eu não vendo quase nada, mas toda a gente fica com os meus trabalhos na memória. E isso é gratificante e é o que me leva todos os dias a pensar que escolhi o trilho certo”, salienta Joana. Um terceiro filho nasceu, os outros dois foram embora, rumaram à confusão inebriante da grande e volátil cidade. “Nunca se adaptaram a esta vida pacata”, dizem. No entanto, é precisamente o sossego profundo da BIS que mantém o casal por terras beirãs, “verdadeiras fontes de inesgotável inspiração na hora de criar”. ☘

Se estiver interessado em conhecer os trabalhos do casal pode visitar o atelier na Rua do Espírito Santo, n. 27 - 6060-069 Proença-a-Velha.



FISHEYE

Os Ventos da Lória

OS VENTOS DA LÓRIA

O seu nome é inspirado na ribeira que corre na vila de Alcains, de onde a maior parte dos membros é natural, e assumem-se sobretudo como um grupo de música de temas tradicionais celtas, mas que diversifica o seu repertório com incursões pela música folk.

Corria o ano de 2001, estava Rui Barata a almoçar no Liceu de Castelo Branco, quando um professor da escola o interpelou no sentido de organizar e participar num pequeno concerto temático para preencher o espaço de 20 minutos durante um jantar. A única exigência do professor era que o espectáculo não fosse de música clássica nem de música dançante. “Na altura nunca tinha ensaiado nada do género, mas aceitei o desafio. Liguei ao Gonçalo e à Susana e decidimos pegar nalguns temas celtas. Para aquela actuação limitámo-nos a aprender algumas músicas que ouvia no carro e que tirei de ouvido. Fizemos dois ou três ensaios e fomos lá tocar”, relembra Rui, acrescentando que o público foi muito receptivo e que essa noite rendeu a marcação de dois novos concertos.

Os dados estavam lançados para a formação de um novo trio. No entanto, cedo se aperceberam que faltava uma componente rítmica mais demarcada. E o convite ao Gil não se fez esperar. Estava delineada a formação original: Rui no acordeão, Gonçalo no piano, Susana no violino e Gil na bateria, mantendo-se este alinhamento por cerca de três anos.

Mais tarde, já em 2004, surgiu a ideia de incluir uma guitarra no grupo. António Preto foi o músico escolhido, até porque já há algum tempo andava a demonstrar interesse em integrar a formação. Aproveitou-se para fazer uma reestruturação dos Ventos da Lória. Com a entrada do novo elemento para guitarra e bandola, Gonçalo trocou o piano pela viola-baixo, e assim se têm mantido até hoje.

ENTRE O CLÁSSICO E O DANÇANTE

Depois de inúmeras actuações por toda a BIS, e até de alguns concertos pelo país, o CD do grupo vem finalmente a caminho. “No fim de cada espectáculo, as pessoas sempre nos pedem CDs e nunca temos nada para dar”, salienta Gonçalo. O ditado “em casa de ferreiro espeto de pau” adequa-se perfeitamente, se pensarmos que a sala de ensaios dos Ventos da Lória é o estúdio de música do Gil. Todavia, este pequeno atraso tem uma explicação bem compreensível. “Queremos apostar num CD de bastante qualidade, com o máximo de músicas originais, que temos vindo a compor durante todo este tempo”, sublinha o viola-baixo. E se, por enquanto, as sonoridades do grupo em nada vão beber às raízes beirãs, não está de todo descartada a hipótese de, mais tarde e com a composição de novas obras, os seus originais acolherem influências da música tradicional da BIS. ❁

www.ventosdaliria.com

www.myspace.com/ventosdaliria

O GRUPO

*Natural de Alcains, **Rui Barata**, 24 anos. Neste momento, dá aulas de música em diversos agrupamentos escolares e em conservatórios e falta-lhe uma disciplina para terminar a licenciatura em acordeão na ESART de Castelo Branco.*

***Gonçalo Rafael**, 27 anos, natural de Alcains, fez o quinto grau do Conservatório de Castelo Branco. Participa, paralelamente, no trio de cordas alcaïnense CoMcOrdAs. Exerce arquitectura em Castelo Branco.*

***Gil Duarte**, natural de Alcains, foi o professor de música dos restantes elementos quando eram pequenos. Dirige e pertence a diversos projectos musicais, tem actualmente um estúdio de música sediado em Alcains, onde vários grupos da Região têm gravado os seus discos. Toca no CoMcOrdAs.*

***António Preto**, 23 anos, natural de Alcains, iniciou a sua formação musical no Conservatório de Castelo Branco a tocar flauta transversal e, mais tarde, violino. Só mais tarde descobriu a guitarra. Encontra-se, actualmente, a tirar o curso de Solicitadoria em Idanha-a-Nova e toca no CoMcOrdAs.*

*Natural de Castelo Branco, **Susana Ribeiro** depois do Conservatório de Castelo Branco entrou no Curso de Violino na Escola Superior de Música de Aveiro, acabando por desistir. Actualmente, é professora de português e encontra-se a leccionar em Ovar.*



ANA ALVIM

António Moitinho Rodrigues e Conceição Lopes Amaro

Nos 167 Hectares do Campus da Senhora de Mércules

A Vontade “que ata ao leme” os navegantes da inovação! Procurando navegar... à míngua de “ventos favoráveis”

A Escola Superior Agrária de Castelo Branco – ESACB, poderia ser, deve ser, uma plataforma de apoio à descolagem para novas dinâmicas de desenvolvimento rural dos territórios da BIS, deixando de ser apenas, e tão só, um espaço onde tudo funcione tendo por base dotações orçamentais exclusivamente dedicadas à vertente formativa, sem considerar os meios necessários para uma eficaz investigação aplicada, nem para a indispensável prestação de serviços às populações da BIS, necessitadas de apoio científico e tecnológico, nas áreas para que está vocacionada?

*Por sua vez, a BIS não pode desaproveitar os recursos, competências e capacidades da ESACB!
Quem ignora o que de bom tem em casa, arrisca-se a perdê-la!*



ANA ALVIM

A esta questão, os actuais responsáveis pela direcção da Escola, acompanhados por vários docentes responsáveis pela coordenação de alguns projectos inovadores de prestação de serviços ao exterior, respondem com grande entusiasmo e convicção: “por muito difícil que seja conseguir equilibrar o barco”, estamos muito empenhados em fazer os esforços necessários para atingir o objectivo de tornar a Escola num parceiro eficaz e reconhecido do desenvolvimento rural da BIS”.

Fala o Professor António Moitinho Rodrigues, 50 anos, natural de Benguela, de ascendência transmontana, há 23 anos na ESACB, contribuinte para o repovoamento da BIS com três descendentes, actual Director, assistido pela Sub-directora Fernanda Delgado Sousa e pela Secretária Conceição Lopes Amaro.

“A actual Direcção está há um ano em exercício, embora não seja eu o mais indicado para avaliar o nosso trabalho, penso ter havido alguma alteração. Estamos conscientes de que somos uma instituição de ensino superior, como tal, temos por objectivo formar técnicos competentes. O outro objectivo é a prestação de serviços de vária ordem e natureza: análises laboratoriais diversas, consultoria técnica, desenvolvimento de projectos, etc. Pensamos que esta Direcção está a dar mais importância a esta área da abertura da Escola à comunidade.

Ao longo destes três próximos anos temos que conseguir renovar a nossa imagem, para que as pessoas percebam que a Escola Agrária que aqui está é uma instituição com valor, que vale a pena procurar-nos, porque nós também as procuramos. Temos muitas valências aqui dentro para, em primeira instância, contribuir para o desenvolvimento da Região.

Mas... que fazer de novo para operacionalizar e concretizar a ambicionada ligação “à comunidade” sem comprometer a actividade docente?

Temos organizado diversos encontros, colóquios, seminários etc., por exemplo, todos os anos organizamos em parceria com a DANONE um seminário sob a produção e controle de qualidade do leite, mas damos conta de que são acções mais viradas para “dentro do meio técnico” do que para os empresários e responsáveis de produção das áreas agrárias e ambientais, os mais necessitados em adquirir novos conhecimentos.

A título de exemplo, o enorme sucesso, muito para além do esperado, dos cursos de poda para pessoas que sentissem a necessidade de saber o básico para poder podar umas árvores, por poucas que fossem, podendo dispensar a contratação de profissionais para o efeito.

As inscrições rapidamente esgotaram os limites desejáveis, mesmo tendo em consideração que as acções decorriam ao sábado, durante 4 horas, e a inscrição custava 15 euros. A formação a este nível foi dada por docentes da escola, voluntária e gratuitamente, em benefício da criação de receitas próprias da Escola, o que vem demonstrar o empenho que aqui existe em procurar algum alívio aos “apertos” orçamentais, ao mesmo tempo que se aumenta a prestação de serviços úteis à comunidade.

Claro que a existência do Conselho Consultivo da Escola, que conta com 10 representantes de entidades de diversos sectores de actividade da BIS, também tem por missão informar sobre o que a Escola deve fazer para satisfazer as necessidades sentidas pelas pessoas das nossas áreas de intervenção.

Em resumo: por mais dificuldades que tenhamos, temos que dar este passo, até porque cada vez há menos alunos. Quer queiramos, quer não, teremos que nos encaminhar para a noção de Escola-Empresa, mais independentes do orçamento de estado.

Por tudo isto, temos que conseguir as três coisas: a formação, a investigação aplicada necessária ao desenvolvimento de projectos concretos, económica e socialmente viáveis, e o apoio à Comunidade.

Até porque sabemos por experiências próprias que o exercício do apoio à comunidade enriquece e amplia as competências dos investigadores e docentes, melhorando consequentemente a qualidade da formação.

Já estamos andando para o destino que queremos alcançar, inovando, encontraremos o caminho!

Concretamente, que serviços já estão prestando para o exterior?

Fazemos análises químicas e micro-biológicas das águas, análises de solos, análises químicas e micro-biológicas das matérias-primas alimentares e de alimentos tais como queijo, leite, azeite, mel, etc., incluindo provas sensoriais. Em certos casos multiplicamos e fornecemos plantas, diagnosticamos doenças, aconselhamos tratamentos e damos formação nas áreas das ciências agrárias, florestais e ambientais. Prestamos assistência, aconselhamento e análise, na área das tecnologias agro-alimentares.



ANA ALVIM

No campo da investigação aplicada, correspondemos às solicitações que nos são feitas, desenvolvendo estudos e projectos que correspondam às necessidades de quem nos procura, quer sejam empresas ou instituições públicas ou privadas. E... o mais importante dos serviços, pensamos nós, é estar de portões e portas abertas a receber e escutar todas as pessoas que nos procuram, sem nenhuma distinção. Para que esta nossa disponibilidade seja bem aproveitada, as populações da BIS têm de ter conhecimento dela e das nossas competências e capacidades, têm de conhecer a Escola e as suas potencialidades, para isso também contamos com o vosso trabalho e apoio.

PROJECTOS INOVADORES EM CURSO

Projecto GANet – Gestão alimentar na Net

Projecto pioneiro iniciado com os produtores de leite para a DANONE Portugal SA. Projecto rapidamente reconhecido pelo grupo DANONE como ferramenta de trabalho para optimização da qualidade do leite e dos resultados técnicos e económicos da empresa e das explorações com que trabalha. Actualmente está instalado em produtores de vários países onde a multinacional DANONE tem fábricas de produtos lácteos a funcionar, nomeadamente em Portugal, Brasil, México, Hungria, Espanha e Argentina.

Projecto iniciado em 2002, envolvendo a DANONE como requerente, a ESACB como responsável pela coordenação científica, sob a coordenação do Prof. António Moitinho Rodrigues. O desenvolvimento do software esteve a cargo da empresa NETSIGMA.

Projecto “GestRegaSIG”. – Concepção de um Sistema de Informação Geográfica (SIG) para a Gestão do Aproveitamento Hidroagrícola (perímetro de rega) da Cova da Beira.

Neste projecto foram desenvolvidas interfaces que disponibilizam ferramentas de visualização, edição da informação, elaboração de pesquisas, elaboração de relatórios e produção de mapas, permitindo analisar de forma detalhada, rápida e centralizada toda a informação desta infra-estrutura. É um projecto já reconhecido internacionalmente, apresentado em vários encontros científicos.

O requerente foi o Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica (IDRHa) e a Associação dos Beneficiários da Cova da Beira. A cargo da ESACB esteve a Coordenação Técnica e Científica do Projecto sob a coordenação do Eng. Paulo Fernandez.

Projecto: (PMDFCI-IN) Plano de Defesa da Floresta Contra Incêndios, para o Concelho de Idanha-a-Nova.

Este projecto, para além de constituir um instrumento de planeamento da defesa da floresta contra incêndios, permite efectuar análises e relacionar dados, que sirvam de apoio às decisões, ao nível da prevenção e no combate aos incêndios florestais do Concelho de Idanha-a-Nova. No âmbito do projecto, foram executadas diversas cartografias, incluindo o levantamento e caracterização de todas as manchas florestais, delimitando zonas de risco de incêndio e áreas prioritárias de intervenção. Foram elaborados “cenários” de actuação, possíveis de actualizar e obter em tempo “quase real”, uma vez que os dados foram armazenados, estruturados e desenvolvidos em plataforma SIG, permitindo, em caso de necessidade, a sua projecção e visionamento. Os requerentes foram a Câmara Municipal da Idanha-a-Nova e a sua Comissão Municipal da Defesa da Floresta Contra Incêndios, à ESACB, sob a coordenação do Eng. José Massano Monteiro, coube a responsabilidade do desenvolvimento científico e a coordenação técnica do Projecto.

Outros Projectos:

Estão ainda em curso outros Projectos de manifesto interesse para os nossos territórios, sobre os quais nos debruçaremos nos próximos números da VIVER, entre eles:

– Um grande projecto, de produção de Etanol (álcool etílico para combustível) a partir de cana-de-açúcar e sorgo sacarino, de importância estratégica para os agrários da BIS (também para o Desenvolvimento Local das nossas Comunidades rurais?), de contornos ainda não completamente definidos, sobre o qual é necessário a todos os fins úteis (para a preservação ambiental, a recuperação da actividade económica e a conservação/aumento do emprego), um atempado e público debate, alargado e tão exaustivo quanto possível. A responsabilidade social dum investimento desta natureza assim o aconselha.

O Professor José Sarreira Monteiro e a ESACB acompanham e assessoram o Projecto com grande interesse e evidente sensibilidade para as suas possíveis consequências sociais e ambientais, de forma a obter o maior equilíbrio possível entre os diferentes interesses em jogo.

– O Projecto de recuperação e valorização da raça ovina autóctone “Churros do Campo” e um outro ligado à questão da salvaguarda dos grandes canídeos (lobos) de que é responsável o Professor Luís Pinto Andrade.

– Um projecto de conservação da Biodiversidade ao nível de 4 espécies vegetais endémicas da Região, com interesse aromático e medicinal e com potencialidades como culturas alternativas para zonas desfavorecidas.

Oferta de novos cursos de formação:

Os interessados podem inscrever-se nos seguintes cursos, normalmente dados aos sábados, com uma duração de 4 a 6 horas. O preço de inscrição é de 25 €.

Produção de suínos ao ar livre / Maneio de equinos / Maneio de coelhos / Maneio de ovinos de leite / Animais de companhia / Reprodução de bovinos de leite / Alimentação de bovinos de leite. ☼

Texto: CM

A generalidade das comunidades rurais enfrenta, actualmente, um cenário tendencial de progressivo esvaziamento e desaparecimento, algo que já está a ocorrer há décadas, como o demonstram as estatísticas demográficas. Esse progressivo esvair do mundo rural carrega consigo o peso de uma perda – a da nossa memória identitária mais próxima e primeira, plasmada no legado cultural, social, simbólico e ambiental que permitiu que nos fizéssemos como somos, e não de outro modo. Não é fácil inverter esta tendência estrutural, este círculo vicioso que, progressivamente, vai tornando cada vez mais colossal, quase utópico, o desafio de reinventar novas formas de ruralidade que permitam conservar e revivificar o património cultural.

O papel da cultura no desenvolvimento dos territórios rurais é, actualmente, amplamente reconhecido, mesmo se essa preocupação não encontra tradução estruturada efectiva no qua-

património edificado de manifesto interesse arquitectónico, ao invés de construir novos equipamentos de raiz; - promover Escolas Oficinas, visando a preservação, a transmissão e a valorização económica de saberes e técnicas populares tradicionais que importa manter e potenciar numa sociedade moderna. Pela via da aprendizagem teórica e prática, novos artesãos podem dar continuidade a artes ancestrais (ligadas à pedra, à madeira, etc.) que, de outro modo, se podem tornar efémeras e, assim, porventura, realizar a sua carreira profissional, criando o seu próprio emprego e, muitas vezes, outros postos de trabalho para terceiros.

Segunda nota. É preciso, igualmente, combater a ideia instalada de que as actividades culturais, assentando no lastro do património e na herança histórica, estão meramente voltadas para o passado e não são criadoras nem

Cultura e território: alargar o espectro de intervenção



ANA ALVIM

dro das políticas públicas. A atenção é, geralmente, focalizada sobre os impactos, directos e indirectos, na animação do tecido social, na valorização do património, na dinamização da economia local, na promoção do turismo. O grande desafio passa por implicar e envolver, no âmbito de projectos de desenvolvimento local, as próprias comunidades na criação, difusão e apropriação de bens culturais e artísticos.

Queria deixar duas notas que me parecem particularmente pertinentes no campo das políticas locais de fomento e de animação cultural.

A primeira é a de que uma das principais prioridades de actuação deve passar pela articulação da política cultural e artística no campo mais vasto da estratégia de desenvolvimento das colectividades territoriais. E isso significa ultrapassar a tradicional abordagem sectorial ou por fileira, enveredando por um modelo de intervenção transversal e territorial. É uma via interessante e útil para casar políticas a favor do desenvolvimento dos nossos territórios rurais. Isso pode ter tradução na articulação de diferentes instrumentos de política com evidentes repercussões a nível cultural. Apenas duas sugestões, a título meramente ilustrativo:

- aproveitar as possibilidades abertas pela instalação de novos serviços e equipamentos sociais (centros e lares de apoio à terceira idade, pousadas da juventude,...) e económicos (gabinetes de apoio às actividades económicas,...) para, sobretudo nos cascos históricos das nossas vilas, renovar e requalificar

de futuro, nem de emprego. Não terão, por certo, o peso e o efeito motriz de outras actividades, como o agro-alimentar, por exemplo, mas nem por isso deverão deixar de ser consideradas apostas estratégicas no desenvolvimento local, correspondendo a uma nova jazida de emprego. É verdade que a dimensão económica pode ser subsidiária, mas não deve deixar de estar presente, numa óptica de valorização de bens públicos e de criação de riquezas colectivas. Criar e, na medida do possível, vender cultura. Nessa perspectiva, a ligação ao turismo é, nestes territórios periféricos, absolutamente crítica. Dir-se-á que constituem, cultura e turismo, ou, pelo menos deveriam constituir, apostas estratégicas gémeas, tão grande é a sua inter-relação a favor do desenvolvimento integrado das comunidades locais.

A cultura vive e morre com o seu território. É tempo de perceber que todos estes territórios precisam de ir ao encontro do mundo e não esperar que o mundo venha ao seu encontro, o que implica explorar novos modos de organização associados à identificação e à preservação dos recursos territoriais culturais, fomentando projectos originais, inovadores e mesmo com uma dimensão experimental. ✿

Domingos Santos

Docente do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPC/B)

Projecto - a palavra, sentidos e práticas

Espaços educativos numa escola – um “voo” na Internet

Tem todo o significado falar de escola, numa publicação centrada sobre o desenvolvimento local. As acções que visam o desenvolvimento “de uma realidade (rural) social e economicamente mais justa e integrada” deverão articular, na sociedade actual, as competências de todas as instâncias de referência num determinado território.

Assim, a análise de algumas das ideias-chave que, na actualidade, desafiam a renovação da escola, poderá oferecer também, a outros agentes das comunidades, um olhar sobre o que poderão esperar da acção da escola e sobre estratégias possíveis de construir concertadamente.

Segundo o Estatuto Editorial de VIVER, In: nº 1 mar-abr-mai 2006

A escola é um vasto “terreno” de acção e a vida na escola desenrola-se em espaços de diferente dimensão, e com protagonistas também variados. A vitalidade com que cada escola cumpre a sua missão educativa é muito determinada pelos modos de relacionamento entre aqueles que a vivem e também do relacionamento que a escola estabelece com os elementos da sociedade a que cada escola pertence.

Um “voo” na Internet pode oferecer-nos panoramas muito interessantes.

Visitemos a “página do agrupamento de Escolas de Ribeira do Neiva (no distrito de Braga) (<http://www.eb23-ribeira-neiva.rcts.pt/index.htm>).

O Agrupamento dá a sua imagem – apresenta as escolas que o compõem. Mais duas secções disponibilizam elementos de apresentação – a do *Projecto Educativo* e a de *Organização*. Nesta, dão-se a conhecer as estruturas de administração e gestão e as respectivas composições.

A secção respeitante ao *Projecto Educativo* abrange o conjunto de documentos que nos mostram muito claramente como se “monta” o processo de decisão da escola, no encadeado da planificação estratégica.

O *Projecto Educativo*, o documento de sentido mais amplo:

- parte de uma caracterização do meio e dos seus problemas, identificando características e potencialidades das escolas;
- adopta os princípios orientadores da própria Lei de Bases do Sistema Educativo;
- define metas da acção educativa;
- identifica as prioridades.

Em sequência, o *Projecto Curricular e o Plano de Acção*:

- estabelecem linhas estratégicas, actividades, faseamento, responsáveis e unidades de acção
- prevêem o processo de avaliação

No nível mais concreto, o do trabalho COM os alunos, os *projectos curriculares* ajustam-se necessariamente aos diferentes ciclos de escolaridade abrangidos pelo agrupa-

mento e são concebidos com um eixo comum – *Aproximação e inserção na vida cultural, social e profissional, caminhos para a vida activa* – que pretende congrega as actividades educativas.

A *pedagogia de projecto* está recomendada no currículo escolar como metodologia de trabalho dos alunos em todos os níveis educativos, constituindo uma componente lectiva nos diferentes ciclos (desde o 1º até à *Área de Projecto, Projecto Tecnológico, no secundário*) e oferece aos alunos o exercício partilhado da responsabilidade e da intervenção: “conhecer, para transformar”¹

É assim que podemos entender o sentido das actividades de Ribeira do Neiva, com projectos desenvolvidos em domínios como o da Educação Alimentar (por crianças da Educação Pré-escolar e de todos os outros ciclos), e da Educação Ambiental. Estas actividades implicam protocolos de colaboração com várias entidades e constituem uma forte componente de formação cívica por parte dos alunos. E o que há de paralelo entre estas práticas de projecto e as que se realizam em outras áreas da acção social?

...Um desígnio de transformação, a coesão na actividade

Em diversas áreas da vida social e da decisão política, difundiram-se de



FISHEYE

tal modo as medidas que envolvem *estratégias de trabalho por projecto*, que este termo quase se banalizou, correndo o risco de se aplicar de um modo equívoco.

A palavra *projectar* tem uma raiz latina muito expressiva, porque significa *lançar para a frente*. No seu uso corrente, tanto se aplica em sentido físico, exprimindo um movimento forte e com uma direcção precisa, como se aplica à concepção de uma realização, ao delinear de linhas estratégicas e à sua execução. Em todos os campos de sentido desta palavra, existem vários elementos em comum: um movimento que é executado com determinação, a existência de objectivos que resultarão em produtos ou resultados, a energia que anima o movimento.

Tal como, aliás, os *projectos de desenvolvimento* – visando agir sobre uma realidade, numa unidade de tempo definida, envolvendo os actores sociais nessa própria construção.

O projecto, estratégia de desenvolvimento

Uma das mais notórias mudanças de perspectiva quanto a estratégias de desenvolvimento social, é o reconhecimento de que o “território local” será a unidade de acção do próprio desenvolvimento, num movimento que deverá equilibrar-se com a abertura a territórios mais amplos (quer de âmbito nacional, quer supra-nacional).

Assim, a constituição de agrupamentos de escolas “a partir de um projecto educativo como base para a reorganização da rede educativa apelam ao reforço de uma cultura de responsabilidade partilhada por toda a comunidade educativa” na qual assenta o “consagrado desenvolvimento da autonomia da escola”²

Voltando ao meio educacional, e a Ribeira do Neiva...

Logo na apresentação do *Projecto Educativo*, se refere que a sua elaboração resulta dos *contributos de Professores, Alunos, Pessoal Não Docente, Pais, Autarquia, Serviços de Saúde, Associações Culturais e Recreativas, de modo a comprometer os diversos intervenientes no projecto a concretizar.*

Mas onde melhor se exprime o sentido dessa participação é no jornal *on line* do agrupamento, Florescer do Neiva.

Aí se editam produtos resultantes de diversas actividades, revelando modos pedagógicos participados e baseados na actividade dos alunos (desde os mais pequenos...), aí se noticiam acontecimentos significativos para a vida escolar e outros de interesse local, em que os próprios alunos intervêm, e as parcerias com diversas entidades, em suma, *projectos* em que se combina a acção pedagógica com a experiência social dos alunos, ao mesmo tempo que se afirma a própria Escola como um parceiro social relevante, na comunidade.

Estudos e intervenções recentes têm demonstrado que estão em mudança “as representações que consideram [a escola] como um lugar à parte”. (...) “As escolas deverão ser cada vez menos escolas no sentido escolar, para ser cada vez mais escolas no seu sentido educativo, como *lugares de cultura comum*”³ no processo complexo do desenvolvimento local.

O enquadramento administrativo da educação, pelo menos na expressão da lei, aponta nesse sentido, o que legitima que os diversos agentes sociais solicitem das escolas contributos activos. E a lógica de *projecto* permite criar os processos para que se congreguem todos esses contributos. ☼

Maria José Martins

Professora da Escola Superior de Educação de Lisboa

1 SANTOS, Milice R, *Metodologia do Trabalho de Projecto*, In http://www.dgicd.min-edu.pt/innovbasic/biblioteca/excertos/area_projecto_parte_1.doc (coleção: *Nos trilhos da área-projecto*)

2 DL 115-A /98, RAAG

3 AMIGUINHO, Abílio. *Educação em meio rural e desenvolvimento local*. Rev. Port. de Educação, 2005, vol.18, no.2, p.07-43, pg.16.

Do álbum “Os Fantasmas não fazem a Barba” publicamos com os devidos agradecimentos o texto de Fernando Paulouro das Neves: “O cão ministro”.

Quando o “Padre Serafim”, um cão muito conhecido na vila, saltou para o lugar do ministro e se apropriou de todo o banco traseiro do automóvel, o presidente da Câmara mijou-se todo. O pânico que subitamente o invadiu despoletou nele uma forte incontinência: a urina começou a correr-lhe pernas abaixo, como um rio caudaloso, e um pequeno lago nasceu por debaixo dos sapatos como se ele estivesse pregado a uma ilha de mijo.

O “Padre Serafim” era um rafeiro de perna alta com uma mancha branca à volta do pescoço que parecia mesmo um cabeção. Isso lhe valeu a alcunha. Quando o Timã acolheu o bicho, ele ficou-lhe de tal forma grato que a fidelidade canina não teria em todo o mundo melhor expressão do que as suas manifestações de amizade ao dono. O cão seguia-o por todo o lado e era capaz de ultrapassar todos os obstáculos para poder acompanhá-lo nos passos do dia a dia. O “Padre Serafim” ganhou rápido uma invejável popularidade na vila. Entrava com à vontade nos cafés à procura do dono e investigava a geografia dos seus movimentos com tal eficácia que acabava quase sempre por encontrá-lo. Era um cão particularmente atento às portas dos automóveis e ao gesto de as abrir. Não queria ficar em terra.

Nunca vi ninguém, como o Timã, para contar histórias.

era um trabalho indigno. Numa das vezes em que foi preso, o agente da polícia política que o conduziu à António Maria Cardoso, em Lisboa, teve a ideia de entabular conversa. Quando chegou a Santa Apolónia, tinha tantos problemas de consciência que começou a ruminar nele a ideia de que aquilo era profissão indigna e descartável. Passou a avisar suspeitos de que a pida ia prendê-los. Tempos depois, recusou-se a colocar gravata preta quando Salazar morreu. E acabou expulso da corporação, com os mastins a ladrar-lhe, ameaçadores, todos os dias. Noutra vez, quando a brigada da pida voltou a detê-lo, o “Padre Serafim” estava com ele. O cão ficou com focinho de poucos amigos.

— Não façam mal ao “Padre Serafim”! — disse-lhes com muita calma. — Posso garantir que ele está inocente...

Voava alto a ironia quando ele estava presente. Um dia de Verão, na esplanada, o “Padre Serafim” arrastou mesas e cadeiras na perseguição a uma cadela com cio. Queria saltar-lhe para cima. Estava lá o presidente da Câmara que, às segundas-feiras, costumava fazer comércio amoroso com mulheres das aldeias na fofice do gabinete municipal. Chocado com o vigor sexual do “Padre Serafim”, chamou a atenção para o comportamento do cão na via pública.

— Que diacho, logo aqui!

O cão ministro

Era capaz de as tocar com aquela cintilação de fantástico que faz delas parte inteira do nosso sonho, ou de as recriar fazendo entrar nelas figuras que passavam na rua ou estavam ali sentadas, à mesa do café. Sabia criar uma piada na circunstância do momento, inventava personagens que saíam inteiras da realidade e brincava com tudo até com os seus próprios azares. Um dia foi submetido a intervenção cirúrgica, durante a qual se desencadeou um acidente vascular que lhe atingiu uma perna. A situação era grave. À medida que o tempo passava avolumava-se a suspeita de que a perna iria ser amputada e ele próprio não acreditava em qualquer outra solução. Um amigo foi vê-lo pela manhã e disse-lhe, para o animar:

— É pá! A perna parece que está com melhor aspecto...

— Ora, quero que se lixe o aspecto! - respondeu. - Eu não a vou encaixilhar!

Deve ter sido uma das poucas pessoas a conseguir vencer um agente da pida de que prender pessoas de bem

— O que é que quer? — respondeu-lhe o Timã. — Ele não tem um gabinete!

Mas no dia em que o ministro das Corporações visitou os Paços do Concelho é que ele tomou o bicho de ponta, catalogando-o de perigoso agitador. E não era para menos. A sessão correria tão bem! Discursos bonitos, palmas, criancinhas a lançarem flores e beijinhos. Mas logo o cão, à despedida, se havia de meter no lugar do ministro!

Quando se lembra dessa tarde, o presidente da Câmara ainda se arrepiava. Estavam nas despedidas, o ministro já cumprimentara as autoridades e agradecera, quando o motorista veio abrir a porta de trás do automóvel. Abriu e fez uma vénia... e foi quando o “Padre Serafim”, que nem uma seta, saltou para o lugar de sua excelência. O ministro, que não tinha reparado no bicho, baixou-se para entrar, quando recuou amarelo de pavor.

— Está ali um cão! — e apontava para o “Padre Serafim”. Foi nessa altura que o presidente se mijou pelas calças



ILUSTRAÇÃO PEDRO LINO / ISTO É

abaixo. O ministro regressou aos cumprimentos, enquanto de passagem segredou ao motorista, com maus modos: — Tire dali o cão! E já!

O outro, que não sabia se havia de chorar ou de rir, fez um sorriso meio aparvalhado e desculpou-se:

— Mas ele morde! E tem cá uma dentuça...

De facto, à primeira tentativa para o tirar de lá, o “Padre Serafim” abriu a bocarra e mostrou a dentadura em excelente condição para ferrar mãos desconhecidas. Nada feito.

O governador civil saiu sorrateiramente do lugar e andou alguns passos para se inteirar da situação:

— Já tiraram o cão?

— Oh! Senhor doutor aquilo é uma fera que ali está! — desculpou-se o graduado da polícia. — Se calhar é melhor abatê-lo...

— É só vossa excelência dar-me luz verde que eu faço em fatias! — apressou-se a dizer o comandante da Guarda, afagando a espada da farda de gala.

— Isso, não! — respondeu, aconselhando calma com as mãos, o governador. — Por enquanto, não queremos sangue...

O ministro olhava de longe tentando perceber se o automóvel já tinha sido desocupado, e consultava o relógio não conseguindo imaginar a que horas nesse dia iria chegar a Lisboa.

O comandante dos bombeiros também foi chamado a dar a sua opinião:

— Só há duas hipóteses. Ou o tiramos dali com a mangueira ou à machadada...

Afastaram-no logo para longe, não fossem os soldados da paz fazer em fanicos o automóvel, que todos sabiam como eles actuavam quando entravam em acção para combater as chamas. Foram lá autoridades civis, militares e até eclesiásticas assobiar-lhe com um naco de carne e as habituais palavras de ordem:

— Anda! Bocho! Anda cá... Toma!

Mas o bocho não deu um passo e continuou a arreganhar a dentuça.

— Este cão não obedece a ninguém! — exclamou exausto o comandante da polícia. — É melhor chamarem um táxi para sua excelência...

O ministro esgotara já a conversa de circunstância sobre a terra e passava o tempo a olhar para o relógio. As “forças vivas” tinham gasto a paciência e queriam era desandar. Estava tudo farto de fazer salão, ali na rua...

Foi quando o Timã, já farto de gozar, se despediu.

— Então, passem todos muito bem!

Mal deu dois passos, o “Padre Serafim” saiu como um relâmpago do automóvel para o seguir. O ministro já não se despediu de mais ninguém e foi a correr para o lugar que o cão deixara vago.

Há dias em que até um ministro não deve sair de casa. De manhã, numa cidade vizinha, um gajo do grémio, um parvalhão qualquer, tinha-lhe dito no discurso de saudação: “Mas quem sou eu para saudar Vossa Excelência? Eu sou uma mosca e Vossa Excelência é um hipopótamo!”

— Estupor! — pensou o ministro.

O cansaço começou gradualmente a tomar conta dele e um agradável torpor envolveu-o mansamente. Finalmente regressava a casa. Que dia! Fechou os olhos enquanto o carro papava quilómetros. Já estava perto de Lisboa quando acordou em sobressalto: sonhara que era um hipopótamo a chafurdar na água, enquanto o “Padre Serafim”, sentado no seu lugar, feito um ministro, ladrava como se estivesse a rir-se a bandeiras despregadas. Esfregou muito os olhos e estendeu a mão para o lado para se certificar que viajava sozinho. Respirou fundo.

O cão não estava lá. ❀

O “respeito” pelas Leis e o Desenvolvimento local

Por paradoxal que pareça, há pessoas, até com formação dita superior, que pretendem ser ao mesmo tempo “Dirigentes, técnicos e animadores de Desenvolvimento Local, e fiéis respeitadores e conservadores das leis”.

Não apenas e só os técnicos, mas também e sobretudo os dirigentes associativos, para quem, em primeiro lugar: – “vê-se o que a lei permite e só depois se verá o que se pode fazer”! A Lei a condicionar a evolução!

Estes dirigentes e técnicos, são os mesmos que assumem passivamente perante as diferentes autoridades de tutela, a responsabilidade de conceber e gerir programas INOVADORES de desenvolvimento local e/ou de apoio à inserção social, programas experimentais, piloto, demonstrativos, laboratoriais e pretendidamente muito inovadores!

São pessoas que se comprometem a contribuir para o desenvolvimento dos seus territórios através da introdução de **novos métodos de mobilização social, da experimentação de novas soluções organizativas, da busca de novas e melhores formas de governança local etc.**, pensando alguns poder fazê-lo obedecendo às leis e normas existentes, embora sendo obrigados a “contorná-las” quando ultrapassadas pela própria realidade... discretamente para não haver chatices!

Penso que são atitudes de pessoas muitas vezes jovens de idade, mas com as características comportamentais dos “velhos cidadãos que só sabem obedecer”, vítimas dos valores dos tempos que não podemos deixar voltar.

Como é óbvio, neste como em todos os âmbitos, obedecer não significa respeitar!

Claro que o mal, ou o bem, não estão em simplesmente respeitar ou não respeitar as leis. O mal, o grande mal, está em refugiar-se nesse “álibi” absolutista, genérico e quase sempre cómodo, da evocação do «respeito pela lei», mesmo quando dela discordamos.

O mal está em discordar e nada fazer para que as ‘leis’ sejam respeitadas pela sua constante adaptação às necessidades de regulamentação das novas e diferentes relações que a todos os níveis o desenvolvimento, se existir..., vai gerando!

O Bem, o grande bem para a Sociedade, é partir do princípio que... desenvolver é também dinamizar a evolução das leis, demonstrando, sempre que necessário, porque estão erradas, colocando em evidência exemplos práticos da existência de uma nova realidade a exigir uma nova lei.

As leis só podem ser criadas para regular o futuro utilizando os ensinamentos do passado e respondendo às condições concretas do presente; o futuro de uma lei só pode ter a duração da sua adequação à realidade que regula.

Portanto, respeitar as leis é, também, sensibilizar as cabeças dos legisladores para as novas realidades, é fazer chegar ao conhecimento de quem tem a responsabilidade de legislar, as necessidades iminentes do local, e das diferentes situações que dificultam ou impedem a própria aplicação de métodos e processos inovadores de intervenção. Se quem trabalha em D.L. só respeitasse as leis adequadas a cada realidade territorial, de baixo para o topo, tal como nos ensinam que deveria ser, que seria do nosso quadro legislativo?



FISHEYE

Num seminário da especialidade ouvi alguém da INO-FOR evocar a fórmula – ‘é preciso ousar transgredir’! Quantos de nós ousamos de facto, dar-nos ao trabalho ousado de dizer – ‘não, não vou por aí’?

Quantos de nós, jovens e menos jovens, homens e mulheres, trabalhando em, ou, para o D.L., estaremos dispostos a correr os riscos de ousar transgredir, de despendar energias nas “batalhas legais” para obter a legalização de uma nova situação, batalhas essas que duram sempre mais tempo que aquele que nos é atribuído para cada projecto?

Como podemos analisar os riscos? Quem está pronto a partilhar os riscos de ser incómodo para quem tem o poder de legislar e governar?

Frente a todos estes e outros condicionalismos é natural que o número dos que apesar de tudo ousam transgredir seja bem diminuto. Contudo, estamos a falar de um tipo de transgressão muito especial, estamos a falar de ‘transgredir em benefício colectivo das pessoas mais desprotegidas’. Não estamos a falar de transgredir em benefício próprio, atitude sempre egoísta e condenável.

É para a dinamização desta ‘transgressão colectiva em benefício dos que, muitas vezes, já não acreditam nem em si próprios’, que nos devemos mobilizar.

Aqueles que já se deixaram tocar pelos valores da solidariedade e do reconhecimento de que toda a pessoa pode criar e inovar têm a responsabilidade de ‘animar’ os outros.

Todos os dias ‘vemos, ouvimos e lemos’ que há muita

gente capaz de transgredir em benefício próprio, mas também há, como sempre houve, quem esteja disposto a ser crucificado por ajudar quem precisa!

Enfim, sou de opinião que é mais importante respeitar as instituições que produzem as leis, do que tão só e apenas as leis.

Uma lei emanada duma instituição repressiva e não democrática não merece respeito nenhum, talvez residam nestas diferenças de sensibilidade à LIBERDADE e à natureza da Democracia, algumas das salutares e úteis controvérsias do presente, que é necessário manter vivas na Sociedade Portuguesa e também nos locais da ruralidade.

Defender a imutabilidade das leis ou a sua adaptação às novas realidades, apenas nos prazos determinados por interesses outros que os das pessoas a quem essa lei deve servir, é próprio de politikeiros manipuladores, das pessoas menos informadas e pouco conscientes dos seus direitos. ☘

Assunção Pedrosa

“O Mundo Rural é muito mais do que o lugar onde vive a população rural (...) é, também, uma garantia de prosperidade e qualidade de vida para toda a população, tanto a urbana como a rural”.

Declaração de Sevilha para o Desenvolvimento Rural (Maio de 2005)

A confrontação entre o “local” e o “global” tem evidenciado novas e inovadoras oportunidades de desenvolvimento, em que os elementos do contexto “global” têm despertado a necessidade de valorizar as especificidades locais.

A ADRACES, através dos instrumentos e mecanismos ao seu dispor, tanto financeiros como e, especialmente, técnicos, tem contribuído crescentemente para a reafirmação do conhecimento regional, através da reinterpretação da realidade e do lançamento de visões alternativas orientadoras de novas e inovadoras formas de actuação, no sentido de pensarmos e ajudarmos a pensar o Interior de forma positiva, habitável, viável e contemporânea.

Reafirmamos peremptoriamente que para que os espaços rurais em geral e, a BIS em particular, seja valorizada e o seu tecido económico e social seja consolidado, é necessário encontrar variáveis alternativas ao sector agrário e, promover e aproveitar as dualidades entre rural e urbano e entre global e local, cujas interdependências são cada vez mais estreitas. As problemáticas que envolvem o Desenvolvimento do território não devem considerar-se como o resultado da oposição entre aquelas dualidades, mas sim como consequência de uma problemática comum de ordenamento dos territórios que compreendem núcleos rurais e núcleos urbanos interdependentes, em que o global e o local se interceptam, e cujas valias de uns para os outros deverão ser potenciadas em benefício de ambos.

De há muito que reconhecemos que a

Cultura, nas suas diferentes manifestações, é um dos elementos da individualidade territorial mais miscigenadora, agregadora e aglutinadora destas realidades e dualidades. Segundo o Relatório da Comissão Mundial da Cultura e do Desenvolvimento da UNESCO, é hoje absolutamente necessário *“cultivar a criatividade humana porque no mundo actual, onde é difícil prever o futuro e ultrapassar os desafios lançados pela rapidez da mudança, será só com a força da imaginação criativa e de iniciativas culturais que os indivíduos, as comunidades e as sociedades conseguirão adaptar-se à inovação e, assim, evoluir”.*

A ADRACES, consciente dos desafios impostos pelas dualidades territoriais, desde sempre considerou como um dos pilares fundamentais e orientadores da sua actuação a valorização do território por via do reconhecimento das vantagens da componente cultural no Desenvolvimento do “local”, “olhando” para a cultura como parte integrante do processo de **Animação Territorial**, pois o seu impacto no Desenvolvimento Local é um factor catalizador da integração social e desenvolvimento sustentável.



Animação, Cultura e Desenvolvimento

A cultura, as artes e os artistas têm sido encarados e apoiados como a expressão da nossa diversidade e multiculturalidade, que vai desde as expressões mais tradicionais até à cultura contemporânea e vanguardista, por se considerar que são profundamente contributivas do desenvolvimento territorial integrado e participado e, por essa via, um elemento fundamental para a educação, fixação e aumento da auto-estima colectiva. Este foi, é e será um eixo de intervenção estratégico na intervenção da Instituição, numa aposta plena nas pessoas e seus saberes, como resposta às novas exigências individuais, colectivas e organizacionais, originadas pelas mudanças da sociedade “global” em que vivemos.

A Rede de Pólos e Animadores da ADRACES, instalada em diversos pontos do território, têm tido



uma actuação de fortes impulsionadores desta estratégia, incentivando, apoiando, promovendo e valorizando a cultura, as artes e artistas da BIS, enquanto “estimuladores” da imaginação colectiva. Consideramos que é necessário reforçar e consolidar essas dinâmicas, numa cada vez mais eficaz concertação territorial e harmonização entre recursos, participações e responsabilizações que tornem o território cada vez mais vivo e atractivo para quem cá vive e para quem nos visita. As actuações e acções têm sido reforçadas e contextualizadas em áreas tão diversificadas como a música, a literatura, poesia, exposições, artes plásticas, design, moda, conferências, etc. Trata-se de uma estratégia que consideramos ganhadora, porque participada por cidadãos artistas (quase sempre anónimos), apostados em contribuir para uma melhor qualidade de vida na BIS, em defesa da memória colectiva que nos torna únicos e, enquanto tal, abertos aos desafios globais. ☼



ADRACES

A visita do Presidente do Movimento Rural Europeu

A BIS como pólo rural de desenvolvimento

Uma das personalidades europeias que mais tem estudado a questão das relações entre espaços rurais e urbanos, das mais variadas tipologias, é, sem dúvida, o Presidente do MER - Movimento Rural Europeu e Primeiro Vice-Presidente do Comité Consultivo para o Desenvolvimento Rural da Comissão Europeia, Gerard Peltre.

No quadro do aprofundamento das nossas relações internacionais, a ADRACES, como Vice-Presidente das Universidades Rurais Europeias – APURE, membro do MER e do mencionado Comité Europeu, convidou este experiente e conceituado investigador, e reconhecido analista de estratégias de desenvolvimento rural, a visitar o nosso território com o propósito de nos ajudar, com a sua experiência analítica e metodológica, a melhorar as nossas próprias abordagens para o desenvolvimento, o mais integrado possível, da globalidade do território da BIS, durante os próximos 7 anos de vigência do novo QREN 2007/2013.

Com esta visita, inicia-se uma nova fase de reflexão que terá que envolver um abrangente leque de entidades dos mais diversos sectores de actividade, públicos e privados, processo que deverá contribuir para a organização de uma parceria formal, destinada a orientar a concepção e implementação do Plano de Desenvolvimento Local da BIS, a apresentar pela entidade gestora ADRACES, financiado pelo Plano de Desenvolvimento Rural do continente Português, no quadro do FEADER (Fundo Europeu de Apoio ao Desenvolvimento Rural).

Entre outras observações feitas, Gerard Peltre aproveitou esta primeira visita para contactar com os Presidentes das autarquias da BIS, inteirando-se das principais características de cada um dos 4 Municípios, incitando vivamente a que sejamos capazes de “juntar os ovos para fazer uma boa omeleta”, ou seja, ganhar a maior força possível como pólo integrado e coeso de Desenvolvimento a nível supra municipal.

Em conversa com a comunicação social regional, deixou-nos ainda várias e interessantes reflexões, das quais destacamos a sua valorização da cultura rural, pela sua grande capacidade de comunicação inter-generacional, para ajudar a combater a violência e a criar uma cultura de coesão social nos bairros urbanos das grandes capitais. ☼



A Universidade Rural do Oceano Índico

Na Ilha da Reunião, Departamento Ultramarino Francês, encantador território de 2.570 kms quadrados, situado entre Madagáscar e as Ilhas Maurícias, mais especificamente no Município de Saint-Joseph, realizou-se no passado mês de Dezembro a II Universidade Rural do Oceano Índico.

A Associação para as Universidades Rurais Europeias – APURE, rede que associa igualmente a Universidade Rural do Oceano Índico, esteve representada por uma importante delegação composta por diversos membros do seu Conselho de Administração e associados, entre eles Camilo Mortágua, Josy Richez Batesti, António Realinho, Istvan Bali, József Nagy, Chantal Tramoy e Maria Grzechynka.

Contando com a participação de mais de duzentos actores locais, e de delegações de vários Países do Índico, África do Sul inclusive, os trabalhos abordaram grande diversidade de temas, alternando as conferências e debates em sala com deslumbrantes visitas de terreno, sempre muito enquadrados pela organização local. Para honrar os princípios que sempre guiaram as Universidades Rurais e transformar este evento em dias inesquecíveis aos visitantes, estiveram sempre presentes a exuberância dos perfumes e sabores da exótica culinária local.

Saudação proferida pelo Presidente da APURE, Senhor Camilo Mortágua, na abertura da segunda Universidade Rural do Oceano Índico.

Ex.mo Sr Presidente da Câmara de Saint Joseph,

Caros amigos implicados na organização desta 2.ª URE do Oceano Índico, minhas senhoras e meus senhores aqui presentes e naturais desta Ilha, eu vos saúdo.

Mesmo correndo o risco de cair em formalismos, por falta de imaginação da minha parte, eu não vos posso agradecer de outra forma que com estas palavras de todo o meu coração.

Obrigado, um sincero obrigado, por nos terem convidado a vir a esta terra que eu considero como uma das catedrais maiores da interculturalidade em todo o mundo. Parece-me ter descoberto aqui uma realidade social bem demonstrativa da minha convicção da existência de uma só raça de Homens no nosso planeta, enriquecida por uma grande diversidade de costumes, cores e formas.

Caros amigos, devem estar orgulhosos da vossa maneira de viver. Nos nossos dias a Europa e as grandes metrópoles do Mundo sofrem afrontamentos interculturais e procuram meios para chegar à tolerância e à Paz social entre comunidades de diferentes origens e culturas. Aqui, como em outros locais parecidos, ditos periféricos e subdesenvolvidos, a evolução da vossa história prova que Homens e Mulheres de diferentes culturas e regiões são capazes de fazer história conjunta e viver em comum, baseando-se em relações de proximidade.

A vossa forma de viver é uma demonstração clara do caminho para a Paz.

Pelo vosso exemplo de esperança na Paz eu vos agradeço uma vez mais.

Pelo vosso saber viver em harmonia com a exuberante natureza da vossa bela terra de Reunião, de encontro e alegria, agradeço-vos uma vez mais.

O cidadão que sou, de nacionalidade portuguesa, deve a sua sensibilidade e o seu interesse por experiência de sociedades como a vossa, quer pela história do meu País bem cruzada com a vossa nos seus começos, quer pela minha própria experiência de vida e de trabalho em ilhas de origens em tudo idênticas à da Reunião.

A propósito, não posso esquecer que no próximo dia 9 de Fevereiro de 2007, daqui a 55 dias exactamente, completam-se cinco séculos da chegada do primeiro europeu a esta terra, o navegador português Lopes de Sequeira.

Eu saúdo e agradeço ainda todos aqueles que de longe nos vieram acompanhar nestas jornadas, que espero de enriquecimento mútuo, para descobrir novos conhecimentos e, igualmente, novas sensações reencontradas pelos odores e sabores do sonho.

Finalmente saúdo, muito particularmente, os associados da APURE aqui presentes vindos da Polónia, Hungria, França e Portugal. ☘

A todos, obrigado.



ADRACES

Grupos de Reflexão e Apoio à VIVER

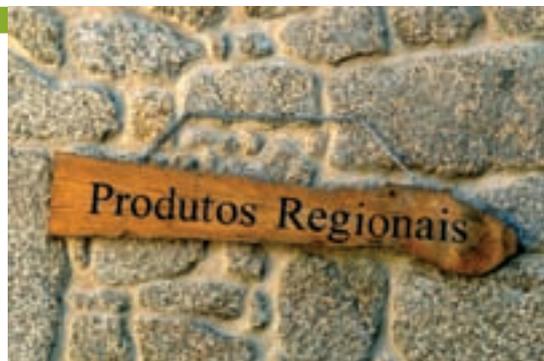
A Revista VIVER decidiu apostar numa nova iniciativa para facilitar a aproximação e um contacto mais sustentado entre a população da BIS e as temáticas abordadas pela publicação da ADRACES. A ideia consistiu em criar um grupo de reflexão que, em amena tertúlia, participasse de forma consistente no levantamento de um conjunto de lacunas que têm impedido a rápida penetração e apreensão dos conteúdos da Revista pela maioria da população da Região. A indispensável função deste pequeno grupo será, então, fazer a ponte entre a Revista e as populações locais, analisando o impacto da VIVER na comunidade rural da BIS e ajudando na sugestão de temas de interesse para futuras edições.

Este primeiro ensaio decorreu no passado dia 23 de Janeiro, com um grupo de naturais do concelho de Penamacor, seguido de jantar-convívio no Restaurante “Dois Pinheiros”, mas pretende alargar-se futuramente aos restantes concelhos da Beira Interior Sul. Para já está prevista uma segunda reunião em Penamacor, agendada para a última semana de Abril. ☘

PARTICIPANTES:

António Alexandre Marcos
Eugénia Castilho Campos
Gabriela Nabais Abreu
Ilda Maria Monteiro Lopes
Ilídia Alves Cruchinho Lélé
Joaquim Nabais
José Lopes Nunes (Jolon)
Vera Margarida Rico da Silva Cunha

Os interessados em receber a Revista VIVER devem solicitar o seu envio,
através de pedido por escrito para
ADRACES – Rua de Santana, 2776030-230 Vila Velha de Ródão
ou através do e-mail: viver@adraces.pt



FISHEYE

O artesanato, coração da ruralidade

1. O velho coração rural, continua a palpitar nos saberes, nos sabores, nos saber-fazeres das artes e ofícios em que se cristalizou a alma inventiva de sucessivas gerações. Assiste, resistente, às grandes calamidades do mundo actual e às contradições da sociedade dos nossos dias. E no seu bater, tantas vezes isolado e já cansado, não deixa de nos interpelar num apelo carinhoso, numa lembrança solidária e numa proposta de autenticidade e de verdade. Coração que bate no peito de pessoas concretas, de comunidades bem reais, as nossas terras de origem!

Nos números anteriores desta nossa **Revista**, deixei o testemunho de que importa **rasgar a interioridade** ultrapassando-se a actual marginalização produtiva de territórios e pessoas que detêm saberes e fazeres (tecnologias) originais. Por outro lado, em relação aos filhos das nossas terras que tiveram de sair, foi realçado o direito de manterem e **partilharem memórias e afectos** à volta das suas raízes, do património etnográfico, usos e costumes, monumentos e produtos típicos de cada uma das suas terras de origem. De facto, a cultura urbana não é superior à cultura rural. São diferentes e complementares, desde que se relacionem inter-agindo em pé de igualdade. Na cultura rural reside um eixo original que tem a ver com o **artesanato**, quer na vertente produtiva, quer decorativa.

2. Artesanato produtivo. Como vector estratégico para o desenvolvimento do mundo rural, impõe-se a valorização dos produtos com a sua marca de origem bem visível. Os saberes, os sabores e a utilidade de tais produtos correspondem a **especializações naturais** que diferenciam os territórios, são expressão de um património produtivo genuíno, afirmam a auto-estima e constituem um dos principais recursos da sociedade rural.

Reconhecendo esta realidade, importa uma atitude es-

tratégica que ultrapasse a moda das grandes superfícies e pensar-se que o mercado dos produtos rurais não pode vir para dentro das cidades e vilas quando, noutros países, tais produtos genuínos vêm periodicamente a ser vendidos bem no coração dos núcleos urbanos. É fundamental defendermos o que é nosso pela divulgação e usufruto cultural das jóias do nosso artesanato rural.

A defesa dos produtos agro-alimentares de **produção caseira e humanizada**, ganha cada vez maior importância e urgência, em face dos padrões de produção em série e acelerada. À obsessão com o aspecto envernizado, tendo por trás processos industriais intensivos, desequilibrados e pouco saudáveis – temos de reagir com informação e inteligência. Nos produtos agro-alimentares, os processos mecânicos e químicos de produção acelerada não são defensáveis nem desejáveis pela sua menor seriedade e falta de qualidade.

Em vez da qualidade de fachada que capta o consumidor apressado, mal informado e sem consciência ecológica; temos de assumir a defesa e a promoção da qualidade real do verdadeiro artesanato produtivo, que assenta em certos atributos:

- ser caseiro** e do produtor directo, que implica a tecnologia humanizada da produção transparente e fidelizada;
- ser genuíno e tradicional**, associa-se e implica a visibilidade da ligação ao local de produção, aos laços culturais do território de origem;
- ser produzido em **cultura biológica** que possa ser certificada e comprovada;
- ter **formas de venda** próprias: no local de produção, em bancas e redes especializadas, feiras e mercados bem dentro dos centros urbanos;
- dirigir-se a **consumidores esclarecidos**, aumentando a informação e o nível de consciência ecológica.



FISHEYE



3. Centro Tecnológico Agro-Alimentar. Nesta área de produção caseira e tradicional, há necessidade de investigação aplicada que registre e salvaguarde os processos produtivos genuínos dentro da maior segurança e higiene. Atendendo ao perfil de especialização da tradição beirão que deve ser salvaguardada na economia dos nossos dias, assume grande relevância e urgência a concretização do Centro Tecnológico Agro-Alimentar. De facto, é imprescindível a prestação de serviços especializados: apoio laboratorial, controlo de qualidade, apoio à certificação, estudos de mercado e defesa das tecnologias de produção limpas e autênticas.

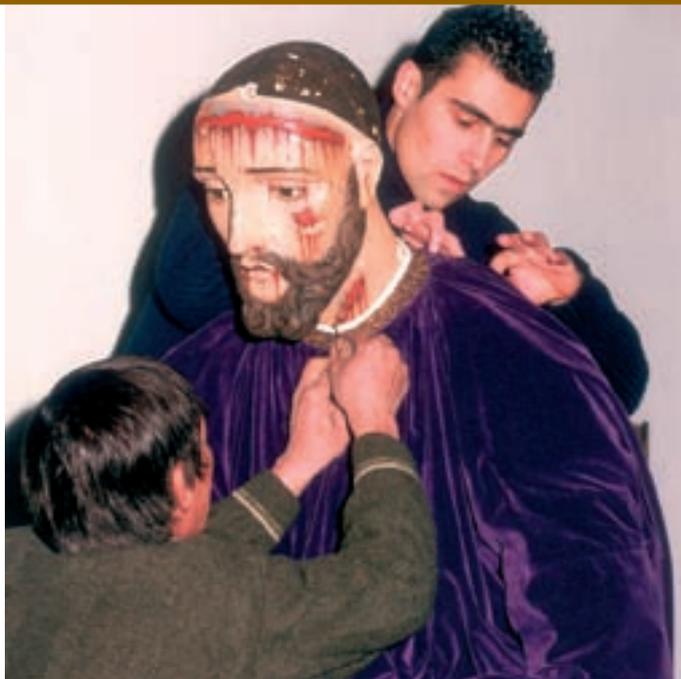
4. Marketing Territorial. Importa dar relevo aos territórios com as suas identidades locais: geográficas, patrimoniais e produtivas. Reconhecer e aproveitar a lógica dos territórios sem qualquer complexo de inferioridade mas, antes, afirmando as nossas próprias características, valores e potencialidades. Promover e divulgar o território como património natural, rico mosaico historicamente moldado por diferentes e sucessivas gerações. Com os pés bem assentes na realidade do território, em diálogo e participação das populações, importa valorizar as relações de proximidade, a vibração das raízes, tradições e laços de origem que compõem a nossa **cidadania territorial**. Dar-lhes expressão através de marcas que traduzam a visibilidade da identidade e dos laços culturais, representa a ponte criativa entre tradição e modernidade, entre desertificação e revitalização do território, entre a vida e a morte a prazo das nossas identidades e comunidades locais, de modo a que continue a bater nelas o coração da autenticidade da cultura rural. ☼



Quiosque da “BIS”

“Nenhum recanto da Beira Baixa representa mais ao vivo a ancestralidade do povo lusitano que esta região raiana”

Provérbios · rezas · lendas · crenças · mezinhas · adivinhas · músicas · poesia popular · hábitos e costumes



Vinhos das Maleitas

Como as imagens do Sr. dos Passos, de sua mãe e de S. João só na época da Quaresma é que são expostas, necessitam de limpeza e das roupas mudadas. Cabe a cada um dos irmãos da Santa Casa da Misericórdia, designados para o efeito, a tarefa das respectivas actividades.

A imagem do Sr. dos Passos está a cargo de José Crucho há vários anos.

Se a troca de indumentária é um acto normal, embora complicado, já o lavar das imagens obedece a outras técnicas deveras curiosas.

Após limpas do pó e passadas com pano embebido em água, são secas. Com outro pano embebido em vinho tinto, são novamente passadas, sobretudo as chagas de Cristo. Isto relativamente ao Sr. dos Passos. As gotas caídas, são aproveitadas e misturadas ao restante vinho. Para a preparação desta imagem, colabora há alguns anos o jovem Marco.

Segundo referiu Francisco Leitão, “este trabalho era feito por dois irmãos da Santa Casa sem que alguém mais pudesse estar presente.”

Ainda hoje acontece isso em relação à Sr.^a das Dores. A imagem é levada para a Igreja Matriz, pois durante a mudança de roupa e lavagem não pode permanecer

na Misericórdia. Na Matriz um grupo de senhoras procede à sua higiene. Neste caso não é permitida a presença de curiosos.

Entretanto, na Igreja da Misericórdia, João Mateus, o coordenador dos trabalhos, está incumbido da limpeza da imagem de S. João. Também o rosto deste é passado com um pano embebido, mas com aguardente, (depois de lavado com água) cujas sobras são misturadas ao vinho.

João Mateus esclareceu-nos do porquê da utilização do vinho e da aguardente para limpeza dos Santos: «O vinho tinto, dá realce às chagas de Cristo. A aguardente dá mais brilho ao rosto de S. João.»

Após os trabalhos dessa noite, os irmãos reúnem na sacristia, comem uma bucha e “regam-na” com o vinho que sobrou. «Este vinho é bom para as maleitas. Quem o bebe não tem doenças durante todo o ano» garantiram.

Este será porventura o motivo encontrado para justificar a satisfação com que os irmãos levam a cruz ao calvário, alguns há mais de 30 anos, mantendo deste modo uma das mais belas e antigas tradições de Penamacor. ❀



Concurso de Poesia Popular

A revista VIVER – Vidas e Veredas da Raia, com o objectivo de promover o espírito criativo popular e divulgar a cultura da BIS – Beira Interior Sul, lança neste número um Concurso de Poesia Popular, destinado a todas as pessoas nacionais ou estrangeiras, individuais ou colectivas, cuja temática é generalizada à Beira Interior Sul (Concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor e Vila Velha de Ródão) e a tudo o que a ela diz respeito.

Devendo os trabalhos ser apresentados em Língua Portuguesa, cada concorrente só poderá apresentar um trabalho que não deverá exceder uma página de tamanho A4, se manuscrito, ou 3.000 caracteres, se dactilografado.

A entrega dos trabalhos a concurso deverá ser efectuada em mão, via correio ou correio electrónico até às **24:00** horas do dia **30 de Abril de 2007**:

- Em mão, na **ADRACES – Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul, com sede na Rua de Santana, 277 · 6030-230 Vila Velha de Ródão**;
- Via correio, em carta registada com aviso de recepção, dirigida ao Director da Revista VIVER – Vidas e Veredas da Raia na morada referida na alínea anterior;
- Via correio electrónico para o seguinte endereço: viver@adraces.pt

Serão excluídos do concurso todos os trabalhos recebidos fora de prazo ou com datas de envio posteriores a 30 de Abril de 2007.

Os trabalhos, entregues em mão ou via CTT, deverão ser apresentados num envelope dentro do qual o concorrente deverá incluir o trabalho destinado a concurso em duplicado, devidamente assinado. O concorrente deverá ainda incluir uma folha onde constem os seus dados pessoais (Nome, Morada, N.º de Telefone/Telemóvel, Endereço de Correio Electrónico e Número de Bilhete de Identidade). O incumprimento destes dois requisitos é motivo de exclusão de trabalhos recebidos para concurso.

Neste concurso, através da selecção efectuada pelo Júri nomeado pela Direcção da ADRACES, serão premiados os três trabalhos que mais destaque tiverem em relação aos restantes com os seguintes prémios:

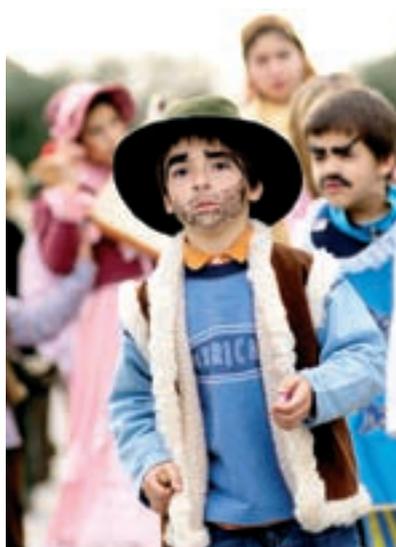
- 1.º lugar: um fim-de-semana para duas pessoas no Hotel Astória (Termas de Monfortinho), com livre acesso às termas;
- 2.º lugar: um quadro de Bordado de Castelo Branco;
- 3.º lugar: um Adufe autografado pelo Grupo de Cantares Tradicionais de Zebreira - Sacasons.

Os três trabalhos premiados serão publicados no n.º 5 da Revista VIVER – Vidas e Veredas da Raia, com respectiva entrevista a cada um dos autores.

O regulamento do presente concurso pode ser consultado na sede da ADRACES e/ou ser remetido via correio ou correio electrónico, sempre que solicitado. ☼

ILUSTRAÇÃO: RUI MORAIS





FISHEYE

O Carnaval da Zebreira

Se o Carnaval é, para os adultos, descompressão e tentativa de esquecimento, divertimento e libertação festiva e descontraída das imposições do “bem se comportar”, para as crianças... é um momento de grande ilusão e alegria, é o momento em que os adultos até parecem crianças... alegres e felizes, como eles gostavam de os ver todos os dias, lá em casa, na escola e na rua.

Na Zebreira, celebra-se o Carnaval com as “artes e os artistas da terra” sem cedências ao vedetismo exógeno a que tantos recorrem, fazendo dos seus miúdos e graúdos as grandes vedetas desse momento de diversão colectiva. É um sinal de vitalidade e dinamismo locais que merece aplauso. ✿

Atirando pedrinhas na poça

(umas pequeninas
outras grandes,
umas sérias,
outras brincalhonas)

Por: Abel Cuncas



ILUSTRAÇÃO PEDRO LINO / ISTO É

Todo o passarinho gosta do seu ninho, tão não é? O meu também. Cá o Cunquinhas, depois das tremedeiras que tem passado por esses descampados da BIS para saborear os manjares festivos e ouvir as lenga-lengas da grande família Cuncas, ainda anda meio estremunhado, atordoado e com a tripalhada de aflitos... assim como se tivesse saído agora do “boome”... ai que não! Estes fins e começos de ano, com as festividades natalícias e sucedâneas até à chegada dos Reis, peregrinos da Estrela, com o Entrudo a abrir apetite para a Páscoa que aí vem; são os tempos da minha desforra das grandes carestias de verão saciadas a aguinha do Ponsul!

De parente em parente, de Cunca em Cunca, é tanta a fartazana, que por vezes já não sei se venho ou se vou, acabando quase sempre por encontrar, à luz dos luares de Inverno, uma grutazinha que só eu conheço, onde me aconchego para as pesadas, longas e etílicas digestões.

Aí, no conforto austero dessas cavidades intemporais, onde só se ouve, de tempos a tempos, conforme o requinte das comezainas, o ribombar da libertação dos oprimidos vapores da minha própria caldeira, aí, digo-vos eu, é que repouso longamente destes esgotantes andares pelas veredas solitárias da BIS.

Foi durante a minha última pernoitação numa das mais amplas dessas cavernosas moradas do meu conhecimento, ali para os lados das falésias do Ocreza, onde devo ter permanecido no limbo dos inocentes por dias e noites povoadas de estranhíssimas visões, que me aconteceu aparecer-me, de pé, sobre um calhau à luz resplandecente duma réstia de sol que atravessava a rocha do tecto e lhe iluminava a figura bem ornamentada com grandiosa cornadura, vestido à maneira, bem entroncado e de olhar furibundo, um personagem para mim desconhecido, que logo se apresentou em visigodo contempo-

râneo (língua que cá o Cuncas domina tão bem como a de vaca com ervilhas).

E assim falou o aparecido:

— Eu sou o Rei Wamba !

Obrigaram-me a voltar, porque é preciso, como outrora, repovoar estas que foram as minhas terras. Têm que voltar a cristianizar as Terras do Rei Wamba, eu que fui o primeiro Rei lavrador, vos ordeno de correr com esses mouros sem fé nem lei que só querem é vender tijolo e alcatrão, e passam o tempo a cobiçar as mulheres alheias, deixando a terra que é a mais fértil de todas as Mães, ao abandono!

Temos que deixar de ser os cabrões destes infiéis e, a vós, meu honrado Cuncas, cometo a histórica e sagrada missão de percorrer sem descanso nem desânimo estas minhas terras, pregando aos “príncipes” que as governam e a todos os seres vivos que nelas habitam, esta minha exigência, de que se unam para as repovoar de lavradores cristãos, sob pena de acordar o Viriato e ressuscitar Lusitanos e Godos para vos jogar ao Tejo como castigo pela vossa lassidão e gula.

Vai meu alvissareiro da boa nova, diz aos Príncipes de agora que, quando em volta das ruas e avenidas das suas cidades não existirem mais terras amadas e fertilizadas pela presença de pessoas que nelas se enterram, eles, e os povos que enganaram, morrerão à míngua debaixo dos escombros das suas fortalezas de betão.

Palavra de Rei Wamba...sábio por velhice e experiência.

Vai com DEUS...

Dito isto, pegou na sua corna de emergência, soprou-lhe tão forte que as paredes da caverna estremeçeram, a luz apagou-se e, ainda meio cambaleante, deixei de ver o velho Wamba.

É... assim falou o Aparecido... penso que, coitado do velho, deve ter-se enganado! Cá o Cuncas não é homem para essas coisas das políticas, como agora se diz. Já se deram conta, caros leitores, ainda me arranjam p'raí alguma tramaíia e acusam-me de fundamentalista... chiça penico! Cá p'ra mim, o Wamba ainda não se curou foi da dor de corna! ❁



director: **António Realinho**
publicação trimestral
distribuição gratuita

Serriamente com alegria


viver

Nesta edição destaca-se:



tem a palavra

Entrevista com o Presidente da Câmara Municipal de Penamacor

04

“É absolutamente necessário aproveitar a fundo os potenciais da Intermunicipalidade. Temos que nos coordenar melhor com as acções dos Municípios vizinhos. No nosso caso, de uma forma natural com os da Cova da Beira com quem mantemos relações económicas e sociais extremamente valiosas para o nosso quotidiano, mas também com os nossos vizinhos da BIS, com quem integramos a NUT III da Beira Interior Sul”.

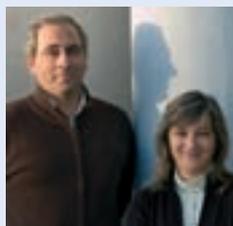


grande tema

As Artes e os Artistas da BIS

09

“Os artistas da BIS queixam-se das fracas oportunidades que têm para mostrar o seu trabalho na Região de origem. Queixam-se que as entidades promotoras de eventos culturais mais depressa dão apoios e investem grandes somas em artistas de fora do que se dispõem a promover e investir na «prata da casa”.



inovadores e pioneiros

A vontade que “ata ao leme” os navegantes da Inovação!

30

“Por muito difícil que seja conseguir equilibrar o «barco», estamos muito empenhados em fazer os esforços necessários para atingir o objectivo de tornar a Escola num parceiro eficaz e reconhecido do desenvolvimento rural da BIS”.



teorias e práticas do desenvolvimento local

O “respeito” pelas Leis e o Desenvolvimento local

39

“O mal está em discordar e nada fazer para que as leis sejam respeitadas pela sua constante adaptação às necessidades de regulamentação das novas e diferentes relações que a todos os níveis o desenvolvimento, se existir... vai gerando!”.